

**UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**



**ADEQUAÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE ENSINO-
APRENDIZAGEM NUMA TURMA REDUZIDA: ESTUDO DE
CASO**

Ana Flávia Miranda António Martins

**MESTRADO EM ENSINO
Economia e Gestão/Contabilidade**

2011

**UNIVERSIDADE DE LISBOA
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO**

**ADEQUAÇÃO DE ESTRATÉGIAS DE ENSINO-
APRENDIZAGEM NUMA TURMA REDUZIDA: ESTUDO DE
CASO**

Ana Flávia Miranda António Martins

**MESTRADO EM ENSINO
Economia e Gestão/Contabilidade**

**Relatório Orientado por:
Professor Doutor Belmiro Cabrito**

Co- Orientador: Doutora Maria João Pais

Setembro de 2011

“ (...) Ser professor não é, pois, o resultado da soma de umas tantas ‘ciências da educação’ arredondada por um qualquer ‘estágio pedagógico’. Só quando a competência de um professor é incorporada esteticamente num *habitus* profissional, ou seja, num saber-ser que se torna competência em pessoa, só então a distinção profissional se eleva à excelência pessoal de um agir sempre naturalmente bem.”

(Maria do Céu Roldão: 2009).

ÍNDICE GERAL

AGRADECIMENTOS	vi
RESUMO	vii
ABSTRACT	viii
I – INTRODUÇÃO	1
II – DESENVOLVIMENTO	
CAPÍTULO I : ENQUADRAMENTO	3
1. CONCEITOS BÁSICOS	3
1.1 IMPORTÂNCIA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA	3
1.2 INTERACÇÃO ENTRE ENSINO E APRENDIZAGEM	4
1.3 INTERACÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM COM APLICAÇÃO DE ESTRATÉGIAS ADEQUADAS	6
1.4 ESTRATÉGIA DE ENSINO	8
1.5 IMPORTÂNCIA DO USO ADEQUADO DAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM	11
1.6 TEORIAS CONSTRUTIVISTAS – CONTRIBUIÇÕES E LIMITES	12
CAPÍTULO II: CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA EM ESTUDO	14
2. LOCALIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA	14
2.1. CARACTERIZAÇÃO DO MEIO	16
2.2. ESTRUTURA ORGANIZATIVA – OS ÓRGÃOS DE ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO	16
2.3. ESTRUTURA FÍSICA – OS ESPAÇOS	17
2.3.1. Os Recursos Humanos e Materiais da Escola	17
2.3.2. Caracterização das Salas de Aula	19
CAPÍTULO III: ANÁLISE DOS DADOS EM ESTUDO	20
3. Pertinência e Objecto de Estudo	20
3.1. Estudo de caso	21
3.1.1. Os professores	22
3.1.2. Os alunos	23
3.2 Instrumentos de recolha de dados	26
3.2.1 Observação de aulas	29

3.2.2 Considerações sobre as aulas observadas	35
3.3 Identificação das estratégias de aprendizagem utilizadas pelo professor	39
3.4 A diversificação das estratégias facilita o processo de ensino-aprendizagem	41
3.5 Como adequar as estratégias de ensino à tipologia.....	42
III – CONSIDERAÇÕES FINAIS	50
IV – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	52
V – ANEXOS	54

LISTA DE GRÁFICOS

<i>Gráfico 1 – Distribuição dos alunos por sexo</i>	23
<i>Gráfico 2 – Distribuição dos alunos por idade</i>	24
<i>Gráfico 3 – Número de alunos que possuem computador portátil</i>	24
<i>Gráfico 4 – Número de alunos que possuem internet móvel</i>	25

LISTA DE FIGURAS

<i>Figura 1 – Frente da Escola Secundária Josefa de Óbidos</i>	18
<i>Figura 2 – Perspectiva aérea da escola</i>	18
<i>Figura 3 – Biblioteca da escola</i>	18
<i>Figura 4- Esquema de disposição da sala de aula</i>	19

LISTA DE QUADROS

<i>Quadro 1 – Calendarização das aulas leccionadas na Unidade 6.....</i>	30
<i>Quadro 2 – Definição das estratégias de ensino aplicadas</i>	40
<i>Quadro 3 - Adequação das estratégias de ensino propostas</i>	44

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer a todos que tornaram este trabalho possível, em especial:

Ao professor Doutor Belmiro Cabrito pela sua orientação inicial, experiência e sabedoria transmitidas.

À Doutora Maria João Pais pela co-orientação e como professora da turma, objecto de investigação, agradeço pela sua ajuda, disponibilidade, suas sugestões e comentários; e a todos os alunos da referida turma, que muito prontamente se dispuseram a ajudar nesta “caminhada”, agradeço o seu empenho e interesse.

À Direcção da Escola, onde foi realizada a investigação, por ter permitido a sua realização.

De forma muito especial ao meu marido, Carlos Eduardo Martins, pela compreensão, amor, carinho e ajuda constantes durante a execução deste projecto e à minha querida filha, Margarida, que ainda no meu ventre e após nascer sempre me acompanhou, sendo o meu maior estímulo para a conclusão deste projecto.

Aos meus pais e irmã, por todo o seu amor, ajuda e apoio incondicional.

A todos pela sua amizade e compreensão, o meu muito obrigada.

RESUMO

As estratégias de ensino aprendizagem é um tema que faz parte do dia-a-dia da função de docente e é algo reconhecido por todos. Com esta investigação pretende-se conhecer, analisar e compreender a importância da adequação das estratégias de ensino-aprendizagem no caso de uma turma reduzida.

Pretendendo dar resposta à questão deste estudo, optou-se por uma metodologia de natureza qualitativa, mais concretamente por um estudo de caso, uma vez que se pretende abordar a professora e os alunos *in loco* e responder a questões cujo produto final é de natureza descritiva e interpretativa.

Apresenta-se um estudo sobre as estratégias de ensino-aprendizagem aplicadas a uma amostra de 8 estudantes do sistema de ensino secundário, de ambos os sexos, com idades compreendidas entre os 14 e os 16 anos da Escola Secundária de Josefa de Óbidos.

Este estudo assenta numa reflexão sobre questões como a importância da aprendizagem significativa; a interação entre ensino e aprendizagem; a interação do ensino-aprendizagem com aplicação de estratégias adequadas; as estratégias de ensino e a importância do uso adequado das estratégias de ensino-aprendizagem, à luz de uma epistemologia construtivista e de teorias de aprendizagem.

ABSTRACT

Strategies for teaching and learning is a theme that makes part of teacher's daily role and is something recognized by all. This research seeks to know, analyze and understand the importance of the adequacy of the teaching-learning strategies in the case of a small class.

In order to answer the question of this study, we chose a qualitative methodology, specifically through a case study, because it intends to approach the teacher and students *in loco* and answer to questions whose final product has a descriptive and interpretive nature.

This is a study on the teaching-learning strategies applied to a sample of 8 students from secondary education system, of both sexes, aged between 14 and 16 years of Escola Secundária de Josefa de Óbidos.

This study is based on a reflection on such issues as: the importance of meaningful learning; the interaction between teaching and learning; the teaching-learning interaction with the application of appropriate strategies; teaching strategies and the importance of proper use of teaching-learning strategies, based on a constructivist epistemology and learning theories.

I – INTRODUÇÃO

Este Relatório Final de Mestrado insere-se no actual processo de avaliação do meu desempenho profissional, no âmbito da unidade curricular (UC) de Iniciação à Prática Profissional do quarto semestre, ministrada no ano lectivo de 2010-2011 no Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. O estágio profissional decorreu ao longo do ano lectivo referido, com uma turma do 10.º ano de escolaridade, do curso de Ciências Socioeconómicas na Escola Secundária de Josefa de Óbidos situada na cidade de Lisboa.

Com a elaboração do presente trabalho pretende-se descrever, de forma clara, objectiva e cuidada, a dinâmica da minha formação profissional ao longo do estágio, com incidência no tema “*Adequação de estratégias de ensino-aprendizagem numa turma reduzida*”, uma problemática detectada, logo à partida, pela particularidade de se tratar de uma turma de oito alunos.

Este relatório está dividido por capítulos que apresentam o enquadramento do estudo que foca: a importância da aprendizagem significativa; a interacção entre ensino e aprendizagem; a interacção do ensino-aprendizagem com aplicação de estratégias adequadas; a estratégia de ensino; a importância do uso adequado das estratégias de ensino-aprendizagem; as teorias construtivistas – Contribuições e limites.

Dedica-se um segundo capítulo à caracterização da escola em estudo; e um terceiro capítulo à análise dos dados em estudos, em que se expõe a pertinência e objecto de estudo, focalizando: as amostras do estudo de caso; os instrumentos de recolha de dados; a identificação das estratégias de aprendizagem utilizadas pelo professor; a diversificação das estratégias como facilitador do processo de ensino aprendizagem e a importância da adequação das estratégias à tipologia da turma.

De seguida, nas considerações finais apresentam-se os aspectos mais salientes da acção desenvolvida, bem como os seus contributos para a melhoria em contexto educativo. O trabalho conclui-se com a apresentação das referências bibliográficas

consultadas, seguindo-se uma listagem de anexos que se consideram ser complemento ao trabalho.

A Iniciação à Prática Profissional é uma disciplina do curso que considero ser fundamental na formação dos futuros professores. Todavia, este não foi somente um período que possibilitou o desenvolvimento profícuo da acção educativa, mas também um período gerador de grandes experiências que considero útil para mim, como professora e como pessoa, ao longo da minha carreira profissional.

A Iniciação à Prática Profissional é nada mais do que um eixo articulador entre teoria e prática. Esta é entendida, portanto, como a oportunidade em que o professor em formação irá actuar para desenvolver as suas competências e habilidades necessárias à aplicação dos conhecimentos teóricos e metodológicos trabalhados ao longo do curso.

CAPÍTULO I - ENQUADRAMENTO

1. CONCEITOS BÁSICOS

1.1. IMPORTÂNCIA DA APRENDIZAGEM SIGNIFICATIVA

O conceito de aprendizagem significativa é um conceito-chave na teoria da aprendizagem de Ausubel, acerca do qual este realça a sua importância nos seguintes termos:

“A aprendizagem significativa é muito importante no processo educativo porque é o mecanismo humano por excelência para adquirir e armazenar a vasta quantidade de ideias e informação representadas por qualquer campo do conhecimento.” (Ausubel, 1978).

As ideias mais importantes da teoria ausubeliana (Ausubel, 1978) e as suas possíveis implicações para o ensino e para a aprendizagem, segundo o próprio autor podem ser resumidas da seguinte forma:

“Se tivesse que reduzir toda a psicologia educacional a um único princípio, enunciaria este: de todos os factores que influenciam a aprendizagem, o mais importante é o que o aluno sabe. Averigua-se o que o aluno sabe e ensina-se em conformidade.” (Ausubel, 1978).

Ou seja, a teoria da aprendizagem de Ausubel propõe que os conhecimentos prévios dos alunos sejam valorizados, para que possam construir estruturas mentais utilizando, como meio, mapas conceituais que permitem descobrir e redescobrir outros conhecimentos, caracterizando, assim, uma aprendizagem agradável e eficaz. Diz-nos que para aprender significativamente, o indivíduo deve optar por relacionar os novos conhecimentos com as proposições e conceitos relevantes que já conhece.

A aprendizagem é muito mais significativa à medida que o novo conteúdo é incorporado às estruturas de conhecimento de um aluno e adquire significado para ele a partir da relação com seu conhecimento prévio. Ao contrário, ela se torna mecânica ou repetitiva, uma vez que se produziu menos essa incorporação e atribuição de significado, e o novo conteúdo passa a ser armazenado isoladamente ou por meio de associações arbitrárias na estrutura cognitiva.

Ao longo dos tempos o conceito de aprendizagem teve que se tornar mais dinâmico e aprender passou a ser exigência instrumental, relativa e deixou de ser capacidade determinante, absoluta e estanque. A sobrevivência no mundo actual e no mundo que se anuncia dependerá da habilidade de saber aprender e “desaprender” com certa desenvoltura. O grande dilema que essa necessidade causa é que as nossas atitudes ainda são bastante fortalecidas nas crenças de carácter comportamental que construímos ao longo do percurso escolar, o que torna essa mudança de paradigma, o maior desafio dos professores.

1.2. INTERACÇÃO ENTRE ENSINO E APRENDIZAGEM

A Lei de Bases do Sistema Educativo que regula o sistema educativo estabelece que o Ensino Secundário se encontra situado entre o final da escolaridade básica e o início do ensino superior, integrando o ensino regular e o ensino profissional.

Para além do desafio de preparar os jovens para o ensino superior e conseqüentemente para a vida activa, é na realidade um ciclo que prepara para o prosseguimento de estudos e um ciclo terminal vocacionado para a inserção profissional.

O ensino secundário é uma formação geral onde estão equilibradamente inter-relacionados o saber, o saber/fazer e o saber/ser, garantindo em simultâneo, a realização integral do indivíduo, a aquisição de conhecimentos básicos, com vista não só ao prosseguimento de estudos ou à inserção dos alunos para formação profissional, mas também que possa fornecer maturidade cívica e sócio afectiva.

Os diferentes cursos de nível secundário, encontra-se organizado em diferentes vias de educação e formação, que incluem: *i) Cursos científico-humanísticos* – que contemplam quatro áreas: Ciências e Tecnologias, Ciências Socioeconómicas, Línguas e Humanidades e Artes Visuais, e visam preferencialmente o prosseguimento de estudos; *ii) Cursos profissionais, tecnológicos e do ensino artístico especializado* que visam uma orientação mais directa para a vida activa e que permite também o prosseguimento de estudos; *iii) Cursos com planos de estudo próprios.*

A investigação e teoria em metacognição e auto-regulação concebem a aprendizagem como a utilização de estratégias efectivas que permitem o controlo da aprendizagem. Os aprendizes são concebidos como executantes, gerindo e regulando o seu próprio processo de aprendizagem.

As teorias comportamentais e a teoria da aprendizagem social (Sprinthall, N.A. & Sprinthall, R.C.;1993) centram-se no comportamento observável, em vez de nos processos mentais envolvidos na aprendizagem, ou no pensamento ou na resolução de problemas. A aprendizagem consiste em moldar os aprendizes através da manipulação das consequências do comportamento e das condições antecedentes do comportamento. As recompensas e os reforços são utilizados para encorajar e moldar o comportamento e as condições antecedentes podem, também, ser manipuladas para aumentar a frequência de respostas desejáveis. Assim, de acordo com estas perspectivas o processo de aprendizagem envolve absorver conhecimento e comportamentos ou em observar e imitar o comportamento exibido por outros.

As teorias sócio-culturais reconhecem o papel importante da participação das crianças em contextos sociais e culturais. É através da participação na actividade que os aprendizes interagem com pessoas mais competentes, que guiam a sua aprendizagem. A aprendizagem é entendida como um processo de apropriação, que envolve a transformação construtiva, à medida que os aprendizes internalizam conhecimentos e os tornam seus.

As teorias sobre aprendizagem apresentadas têm implicações importantes para o ensino. Elas implicam diferentes modelos sobre o que é aprender e o que é ser aprendiz,

que podem estar associadas a diferentes abordagens ao ensino, o que, por sua vez, pode ter um impacto na natureza da aprendizagem feita pelo aluno.

Segundo Sprinthall (1993), tal como os aprendizes têm concepções distintas sobre o que é aprender, também os professores têm uma variedade de concepções sobre o que é ensinar. Os professores que entendem o ensino como um processo de fornecer informação e de transmitir conhecimento tendem a focar-se nos conteúdos curriculares e no modo de como melhor organizar e apresentar a informação de forma a facilitar a aquisição pelos alunos. O modelo com que trabalham baseia-se na ideia de que o cérebro do aprendiz é como um receptáculo que deve ser enchido com factos, princípios e regras de acção. Reflecte uma visão associativa de aprendizagem, de acordo com a qual o papel do professor é apresentar informação para o aluno aprender, lembrar-se e aplicar.

O professor que entende a aprendizagem em termos de facilitação da compreensão e da mudança de concepções foca-se mais nas concepções dos alunos. Estes professores têm uma concepção de aluno como pensador, que constrói um modelo do mundo que os ajuda a compreender a sua experiência. Assim, estes entendem ser útil conhecer as estratégias mentais para resolver problemas e que os alunos acedam ao conhecimento do professor através do diálogo. Desta forma, o ensino pode ajudar as crianças a desenvolverem gradualmente uma compreensão mais complexa acerca do mundo.

1.3. INTERACÇÃO DO ENSINO-APRENDIZAGEM COM APLICAÇÃO DE ESTRATÉGIAS ADEQUADAS

Para definir o ensino e a aprendizagem, alguns autores propõem a interacção entre esses dois conceitos, mostrando que o ensino não deve ser separado da aprendizagem, significa que se há ensino deve haver aprendizagem.

A aprendizagem ocorre dentro dele e através da sua acção, do seu pensamento. Por mais que um professor se esforce é difícil “incutir” na cabeça do aluno, se este não quiser. Para o mesmo, dizemos que uma pessoa aprendeu quando ela mudar a sua

maneira de agir, de pensar e de ser quando ela passa a ter atitudes diferentes. Adquirir novas atitudes é certamente mais importante que a aprendizagem de qualquer conteúdo.

Para Vygotsky (1993), a aprendizagem inclui sempre relações entre as pessoas e a relação do indivíduo com o mundo está sempre medida pelo outro. Não há como aprender e apreender o mundo se não tivermos o outro, aquele que nos fornece os significados que permitem pensar o mundo à nossa volta.

Assim, o ensino-aprendizagem é o conjunto de acções em que se articulam as actividades de transmissão e de aquisição de informações e de conhecimentos. A eficácia do ensino-aprendizagem é medida pela quantidade e qualidade dos conhecimentos transmitidos e adquiridos. Neste caso, ser professor não pode limitar-se apenas a transmitir o saber, é também, facilitar e orientar a aprendizagem, despertando o interesse e apoiar os alunos na interacção entre os problemas, os conhecimentos e as experiências.

Segundo Novak (1998) as estratégias de ensino-aprendizagem têm sido um dos alvos de interesse da educação, em geral, e das Didácticas em específico, que remontam às origens da própria educação, no entanto só mais recentemente é que as estratégias de ensino-aprendizagem assumiram formalmente destaque como elemento constitutivo do processo educativo, fundamentalmente para propiciar a realização de aprendizagens por parte dos alunos.

Considerando a natureza diferenciada das aprendizagens, “não existe um método melhor que outro para todas as ocasiões” (Bordenave e A. Pereira, 1991, p. 127), mas, em geral, pode afirmar-se, como já foi referido por vários investigadores, que se o professor pretende que o seu ensino seja mais efectivo deve escolher uma estratégia que proporcione a mais activa participação dos alunos, um elevado grau de realidade ou concretização e um maior interesse pessoal ou envolvimento do aluno.

Luckesi (1994) considera que os procedimentos de ensino geram consequências para a prática docente: para se definir procedimentos de ensino com certa precisão, é necessário ter clara uma proposta pedagógica; é preciso compreender que os procedimentos de ensino seleccionados ou construídos são mediações da proposta

pedagógica e metodológica, devendo estar estreitamente articulados; se a intenção é que efectivamente a proposta pedagógica se traduza em resultados concretos, tem-se que seleccionar ou construir procedimentos que conduzam a resultados, ainda que parciais, porém complexos com a dinâmica do tempo e da história; ao lado da proposta pedagógica, o educador deve lançar mão dos conhecimentos científicos disponíveis; estar permanentemente alerta para o que se está a fazer, avaliando a actividade e tomando novas e subsequentes decisões. No processo de ensino-aprendizagem, vários são os factores que interferem nos resultados esperados: as condições estruturais da instituição de ensino, as condições de trabalho dos docentes, as condições sociais dos alunos, os recursos disponíveis. Outro factor é o de que as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes, devem ser capazes de sensibilizar (motivar) e de envolver os alunos ao ofício do aprendizado, deixando claro o papel que lhe cabe.

1.4. ESTRATÉGIA DE ENSINO

Para Petrucci e Batiston (2006), a palavra estratégia esteve, historicamente, vinculada à arte militar no planeamento das acções a serem executadas nas guerras, e, actualmente, largamente utilizada no ambiente empresarial. Porém, os autores admitem que:

“ [...] a palavra ‘estratégia’ possui uma estreita ligação com o ensino. Ensinar requer arte por parte do docente, que precisa envolver o aluno e fazer com que ele se encante com o saber. O professor precisa promover a curiosidade, a segurança e a criatividade para que o principal objectivo educacional, a aprendizagem do aluno, seja alcançado.” [In: PETRUCCI, Valéria Bezerra Cavalcanti; BATISTON, Renato Reis. (2006)]

Desse modo, o uso do termo “estratégias de ensino” refere-se aos meios utilizados pelos docentes na articulação do processo de ensino, de acordo com cada actividade e os resultados esperados. Outros autores como Anastasiou e Alves (2004) advertem que:

“As estratégias visam à consecução de objectivos, portanto, há que ter clareza sobre aonde se pretende chegar naquele momento com o

processo de ensino. Por isso, os objectivos que norteiam devem estar claros para os sujeitos envolvidos – professores e alunos ...”

[In: Anastasiou e Alves, 2004]

Segundo Vieira e Vieira (2005), não obstante a diversidade de termos usados e o facto de nem sempre ser explicitado o significado com que são utilizados, vários autores como Clarke e Biddle (1993), Lamas (2000) e Nisbet e Shucksmith (1987) usam o termo estratégia, em sentido lato, como sendo sequências integradas de procedimentos, acções, actividades ou passos escolhidos com um claro determinado propósito. Neste enquadramento, uma estratégia é um plano cuidadosamente preparado envolvendo uma sequência de passos concebidos para atingir uma determinada meta (Hyman, 1987).

Assim, no caso específico das estratégias de ensino, esta é efectivamente uma organização ou arranjo sequencial de acções ou actividades de ensino que são utilizadas durante um intervalo de tempo e com a finalidade de levar os alunos a realizarem determinadas aprendizagens (Cruz, 1989; Heintschel, 1986). O termo estratégia de ensino/aprendizagem reporta-se assim a um conjunto de acções do professor ou do aluno orientadas para favorecer o desenvolvimento de determinadas competências de aprendizagem que se têm em vista. O termo estratégia implica um plano de acção para conduzir o ensino em direcção a propósitos fixados, servindo-se de meios (A. Ribeiro e L. Ribeiro, 1989). De forma genérica, pode dizer-se que as estratégias de ensino estão ligadas à questão: «Como atingir um dado propósito?».

Na perspectiva de Maria do Céu Roldão (2009), o conceito de estratégia foi muito associado às perspectivas behaviouristas do currículo e desenvolvimento curricular dos anos 1970, o que lhe conferiu a associação a um carácter muito técnico. A influência, sobretudo da década de 1990 para perspectivas educativas e curriculares mais holísticas e integradas não exclui, antes exige, a necessidade central de uma boa operacionalização técnico-didáctica que se consubstancia na estratégia.

Os currículos das escolas, corporizados no Projecto Educativo, precisam reforçar a dimensão das estratégias com que pretendem desenvolver o ensino e a aprendizagem de forma adequada a cada contexto.

O esbatimento da centralidade da estratégia associa-se também à influência dos manuais sobre o currículo real, crescentemente orientados para substituírem o professor, fornecendo a planificação pré-realizada e tendencialmente uniforme, o que induz uma desvalorização indesejada da competência, própria do professor, de conceber e operacionalizar cada estratégia face a cada contexto de ensino.

Uma estratégia justifica-se sempre, no plano da concepção, pela resposta às questões: *como organizar a acção e porquê*, tendo em conta o *para quê* e o *para quem?*, noutra nível, *instrumental*, operacionaliza-se respondendo à questão – *Com que meios, actividades, tarefas, em que ordem, para quem e porquê?*

As estratégias de ensino-aprendizagem passam também pela influência directa do grupo de alunos a quem se destinam, no caso deste estudo, a questão passa pela importância destas estratégias num contexto de uma turma reduzida.

Alguns estudos foram feitos no sentido de se perceber se os resultados de aprendizagem adquiridos eram directamente influenciados pelo tamanho/dimensão das turmas, as conclusões publicadas também foram várias, mas na sua maioria, partindo de uma extensa revisão especializada, realizada por Glass e Smith em 1978, conclui-se que turmas reduzidas incrementam o rendimento académico dos alunos, especialmente se se tratar de turmas com vinte ou menos alunos.

Várias foram as controvérsias geradas à volta deste estudo, certo é que mesmo não comprovando com exactidão os resultados publicados por Glass e Smith (1978), praticamente todos os resultados obtidos noutros estudos semelhantes, apresentam efeitos/resultados favoráveis à diminuição do número de alunos por turma.

Outras questões se associam a este estudo da composição de uma turma, como por exemplo, o facto da sua influência directa na relação professor-aluno, tema que poderá ser proposta para outros estudos. No entanto, parece-me importante referir apenas que inúmeros estudos de metodologia educacional estudam que a relação entre o professor e o aluno é que cria um clima sócio-educacional e a consecução dos objectivos.

Segundo Mansetto (1994, p.56), “o modo de agir do professor em sala de aula é que estabelece um tipo de relação com os alunos, colaborando ou não para o desenvolvimento procurado pela instituição”.

Para Piletti (1998, p.20), “deve-se eliminar a postura dogmática do professor diante dos alunos, que passam a ter voz. A troca de experiências entre professor e aluno faz com que ambos cresçam juntos no processo”.

O professor, sendo o elo de ligação entre os alunos e o conhecimento a ser adquirido, deverá valer-se de recursos que possam trabalhar essa proximidade permitida com os alunos e conseguir o melhor rendimento do grupo que é reduzido.

No caso específico do tema abordado neste estudo, a influência exercida pela variável aluno é de fundamental importância, uma vez que se trata de um elemento que em si apresenta diversificação ampla de características (idade, nível de conhecimento, situação económica, objectivos etc.), mas o facto de se tratar de uma turma de pequena dimensão proporciona um maior conhecimento e adaptação a cada um.

1.5. IMPORTÂNCIA DO USO ADEQUADO DAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO-APRENDIZAGEM

Segundo Vieira e Vieira (2005, p.17), “existe um amplo leque de estratégias, desta forma, de maneira a conferir maior inteligibilidade a esta área, alguns autores têm-se preocupado em classificar as estratégias de acordo com determinados critérios”.

A organização e classificação das estratégias de ensino pode ser feita tendo em atenção modelos de ensino e aprendizagem aos quais estão associadas. A título ilustrativo, A. Ribeiro e L. Ribeiro (1989) consideram que tendo em conta os modelos cognitivos ou de processamento de informação, duas estratégias gerais sobressaem – a indutiva e a dedutiva.

A indutiva caracteriza-se pelo facto de o professor solicitar aos alunos que observem e analisem dados ou exemplos, para concluírem enunciando o conceito ou a generalização que está em causa; depois são apresentados novos dados ou experiências para consolidar e testar a compreensão do conceito ou generalização (A. Ribeiro e L. Ribeiro, 1989). Por outro lado, na estratégia dedutiva o professor apresenta o conceito ou generalização e, normalmente, solicita aos alunos a clarificação dos termos utilizados para definir o conceito ou descrever a generalização; depois, apresenta um exemplo e solicita ao aluno a apresentação de outros exemplos.

1.6. TEORIAS CONSTRUTIVISTAS – CONTRIBUIÇÕES E LIMITES

Para Piaget (2000, p.18), “a aprendizagem consiste numa modificação do estudo dos conhecimentos. O modelo de desenvolvimento é estruturalista”. Piaget tenta explicar os mecanismos de aquisição e de utilização dos conhecimentos a partir de génese das operações lógico-matemáticas subjacentes a qualquer actividade intelectual. As etapas sucessivas do desenvolvimento cognitivo contam com o papel primordial da experiência ou da acção como motores da construção, ou até mesmo da reconstrução ao nível das representações internas da criança, de um mundo físico percebido e compreendido.

Piaget (2000) propõe que não são apenas a maturidade e a pressão social que contam. O desenvolvimento das aprendizagens é, também, a consequência de um quarto factor: o equilíbrio. Em todo o desenvolvimento, os progressos do conhecimento resultam de uma construção na qual o sujeito é actor de suas aprendizagens em interacção com o mundo.

A concepção da aprendizagem segundo o mesmo autor é decididamente construtivista. É agindo sobre o meio que o sujeito vai reconstruir o mundo físico e social que o cerca, vai objectivá-lo e representá-lo para si.

Este designa por teoria interaccionista: A existência de numerosas perturbações, provenientes das interacções com os objectos (físicos ou simbólicos), que o sujeito deseja ou que deve incluir na sua actividade, impõe adaptações.

Para Piaget (2000, p.18), “a adaptação do sujeito ao meio põe em jogo dois mecanismos de base ou invariantes funcionais: a assimilação e a acomodação”.

A assimilação consiste numa familiarização dos dados do mundo exterior a fim de torná-los integráveis à estrutura própria do sujeito; é, portanto, o meio que “tende a conformar-se” com a estrutura da criança. Contudo ele diz que, a acomodação corresponde a um ajuste do sujeito aos dados do meio. Os dois processos (acomodação e assimilação) são indissociáveis e interagem durante todo o desenvolvimento. A adaptação consiste na passagem de um menor equilíbrio para um estado de um equilíbrio superior.

Ao ressaltar o papel determinante da actividade da criança na aprendizagem, Piaget define a escola como um ambiente que deve estimular e favorecer esse processo de autoconstrução.

Num tal dispositivo, o professor, tornando-se mediador entre conhecimentos e aluno, facilita a descoberta das noções e a elaboração dos saberes e das competências, e apresentá-lo-á à criança sob uma forma preestabelecida. A concepção piagetiana visa a ensinar a pensar e a valorizar os aspectos operativos do pensamento (processos internos, operações mentais), a fazer com que a criança experimente, a favorecer a manipulação para que possa tirar daí as leis abstractas, sendo suficiente a simples observação da actividade de outrem para estruturação dos conhecimentos. A actividade assim desenvolvida pelo aluno torna-se, além disso, uma poderosa fonte de motivação intrínseca necessária, por sua vez, à construção das aprendizagens.

A complexidade da tarefa educativa exige-nos ter ao dispor instrumentos e recursos que favoreçam a tarefa de ensinar. Em todo caso, são necessários materiais que estejam a serviço de nossas propostas didácticas e não o contrário. A tarefa de ensinar envolve ter presente uma quantidade enorme de variáveis, entre elas as que nos indicam as necessidades particulares de cada menino e menina e de seleccionar as actividades e os meios que cada um deles necessita.

2. LOCALIZAÇÃO E ORGANIZAÇÃO DA ESCOLA

58 anos de história da Escola Josefa de Óbidos

O local onde se situa a Escola Josefa de Óbidos era, nos anos 40, um terreno descampado, limitado a sul pela Rua Possidónio da Silva e a nascente por um edifício estatal que albergava a assistência infantil da freguesia de Santa Isabel.



A criação da Escola Industrial e Comercial Josefa de Óbidos foi formalizada pelo Decreto-Lei n.º 37028 de 25 de Agosto de 1947.

A escolha do patrono tem a ver com a personalidade de Josefa de Ayala – mulher, artista, pintora, religiosa e humanista.

O projecto da Escola foi elaborado pelos Serviços Técnicos da Junta de Construções para o Ensino Técnico e Liceal, sendo o grupo constituído por: Arquitecto José Costa Silva, Engenheiros Gabriel Ribeiro de Matos e António Lopes Monteiro, Joaquim Infante (medições e orçamento) e Jorge Neto Tavela de Sousa (mobiliário).

À data da sua criação, a Escola Industrial e Comercial Josefa de Óbidos ministrava às raparigas o Ciclo Preparatório das Escolas Técnicas Elementares. Numa segunda fase, ministrava-se o Curso de Formação Feminina, com 3 anos de duração. Como complemento das aprendizagens, leccionava-se ainda as Secções Preparatórias aos Institutos Industriais e Magistério Primário e, ainda, os cursos de especialização em Bordadora Rendeira e em Artes e Tecidos.

Este sistema de ensino manteve-se até à Revolução do 25 de Abril, momento em que se concretiza a sua reforma – os ensinamentos técnico e liceal são abolidos e em sua substituição cria-se o ensino unificado.

A antiga Escola Industrial e Comercial Josefa de Óbidos passou então a chamar-se Escola Secundária Josefa de Óbidos, ministrando-se o 3º ciclo do Ensino Básico e o Secundário.

Hoje a Escola Josefa de Óbidos é sede do Agrupamento de Escolas Padre Bartolomeu de Gusmão com alunos do Pré-Escolar ao Secundário, tendo recebido os alunos da antiga Escola Padre Bartolomeu de Gusmão.

(in site oficial da Escola Secundária Josefa de Óbidos)

O facto da escola em estudo ter sido eleita como Escola-Sede do Agrupamento de Escolas Padre Bartolomeu de Gusmão, todo este capítulo incidirá sobre dados que possuo através do Relatório de Avaliação Externa do Agrupamento, contendo dados gerais do agrupamento e não somente da Escola Secundária Josefa de Óbidos, como inicialmente se pretendia.

O Agrupamento de Escolas Padre Bartolomeu de Gusmão foi constituído em 1999 e integrava, apenas a Escola Básica do 2º Ciclo, com o mesmo nome, e a Escola Básica do 1º Ciclo nº72. Ao longo dos anos, foi integrando outras escolas do 1º ciclo, algumas com jardim-de-infância.



Localização:
Rua Coronel Ribeiro Viana, 1399-040
Lisboa tel. 213929000

No ano lectivo de 2007-2008, foi reestruturado e a Escola-Sede passou a funcionar na antiga Escola Secundária Josefa de Óbidos, que por sua vez, foi intervencionada no âmbito do Programa de Modernização do Parque Escolar do Ensino Secundário, passando a dispor de uma oferta educativa, desde a educação pré-escolar ao ensino secundário. Dele, fazem parte, para além da Escola-Sede, as escolas básicas do 1º ciclo (EB1) nº72 e nº18, as escolas básicas do 1º ciclo com jardim-de-infância (EB1 / JI) Rainha Santa Isabel e Engenheiro Ressano Garcia.

2.1. CARACTERIZAÇÃO DO MEIO

O Agrupamento está situado em Lisboa e abrange as freguesias de Santo Condestável, Lapa, Santa Isabel e Prazeres, as quais apresentam grandes assimetrias socioeconómicas e culturais. Apesar destes estabelecimentos de educação e de ensino se encontrarem dispersos por várias freguesias, não estão distantes entre si.

A população discente é composta por 1552 crianças e alunos, frequentando a educação pré-escolar 120 crianças (5 grupos), 616 alunos do 1º ciclo (28 turmas), 344 do 2º ciclo (14 turmas), 323 do 3º ciclo (15 turmas), e 149 do ensino secundário, com dez turmas dos cursos científico-humanísticos (línguas e humanidades e ciências e tecnologias) e cursos profissionais (três turmas de Técnico de Vendas e uma de Técnico de Turismo).

Os alunos oriundos de países estrangeiros distribuem-se por 24 nacionalidades diferentes (15% do total dos alunos).

O Agrupamento integra três Unidades de Apoio Especializado, com um total de 18 alunos: duas para a educação de alunos com multideficiência e uma de ensino estruturado para a educação de alunos com perturbações do espectro do autismo, sediadas na Escola-Sede, entre outras.

2.2. ESTRUTURA ORGANIZATIVA – OS ÓRGÃOS DE ADMINISTRAÇÃO E GESTÃO

O Regulamento Interno da Escola é o único documento estruturante ao qual tive acesso para elaborar a melhor caracterização da estrutura organizativa da Escola/Agrupamento, tendo em conta que o Projecto Educativo da Escola está em processo de elaboração.

Os serviços administrativos encontram-se organizados por áreas funcionais e muito centrados na Escola-Sede de Agrupamento.

Segundo o Regulamento Interno do Agrupamento: “ *os órgãos de administração e gestão do agrupamento orientam-se pelos princípios e objectivos – que visam cumprir e fazer cumprir – estabelecidos no regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário. São órgãos de direcção, administração e gestão do agrupamento os seguintes:*

- a) O conselho geral;*
- b) O director;*
- c) O conselho pedagógico;*
- d) O conselho administrativo.”*

De acordo com o site oficial da escola e conforme tabelas (Anexo 1), que identificam as pessoas que compõem esses órgãos, fazem referência a:

- ❖ 18 membros do Conselho Geral;
- ❖ 5 membros da Direcção;
- ❖ 4 Coordenadores de Estabelecimento;
- ❖ 13 membros do Conselho Pedagógico.

2.3. ESTRUTURA FÍSICA – OS ESPAÇOS

2.3.1. Os Recursos Humanos e Materiais da Escola

Exercem funções no Agrupamento 174 docentes, pertencendo a maioria ao quadro do mesmo (57,5%), 13,2% ao quadro de zona pedagógica e 29,3% são contratados. Há um total de 50 profissionais não docentes, sendo 40 assistentes operacionais, 8 assistentes técnicos e 2 técnicos superiores.

A escola foi recentemente intervencionada, no âmbito do Programa de Modernização do Parque Escolar do Ensino Secundário. As obras decorreram durante o ano lectivo de 2007-2008 e prolongaram-se para o início do ano lectivo seguinte.

Esta apresenta agora muito boas condições, conforme podemos verificar nas fotos abaixo, tanto para alunos como para professores, nomeadamente no que respeita à existência de recursos como auditório, biblioteca (Fig.3), dois ginásios, gabinetes de trabalho para a direcção, Conselho Geral, Associação de Pais e várias salas de docentes.

A escola apresenta condições muito boas, instalações completamente novas e modernas, muita claridade nas salas e corredores, condições que facilmente propiciam um ambiente escolar saudável, calmo e acolhedor.



Figura 1 – Frente da Escola Secundária Josefa de Óbidos.



Figura 2 – Perspectiva aérea da escola.



Figura 3 – Biblioteca da escola.

2.3.2. Caracterização das Salas de Aula

Cada sala está devidamente equipada com um computador na secretária do professor com acesso à rede interna da escola e à Internet, um projector (*data show*), uma tela própria para projecção de slides e quadros interactivos, apresentando condições muito favoráveis ao ensino/aprendizagem.

Tendo em conta o reduzido número de alunos, estes encontram-se distribuídos pelas primeiras secretárias e no centro da sala de forma a obter melhor visão quando são utilizados os meios de projecção da sala, bem como maior proximidade da professora evitando que haja dificuldade de audição e percepção do que for transmitido.

Os alunos encontram-se distribuídos conforme esquema abaixo:

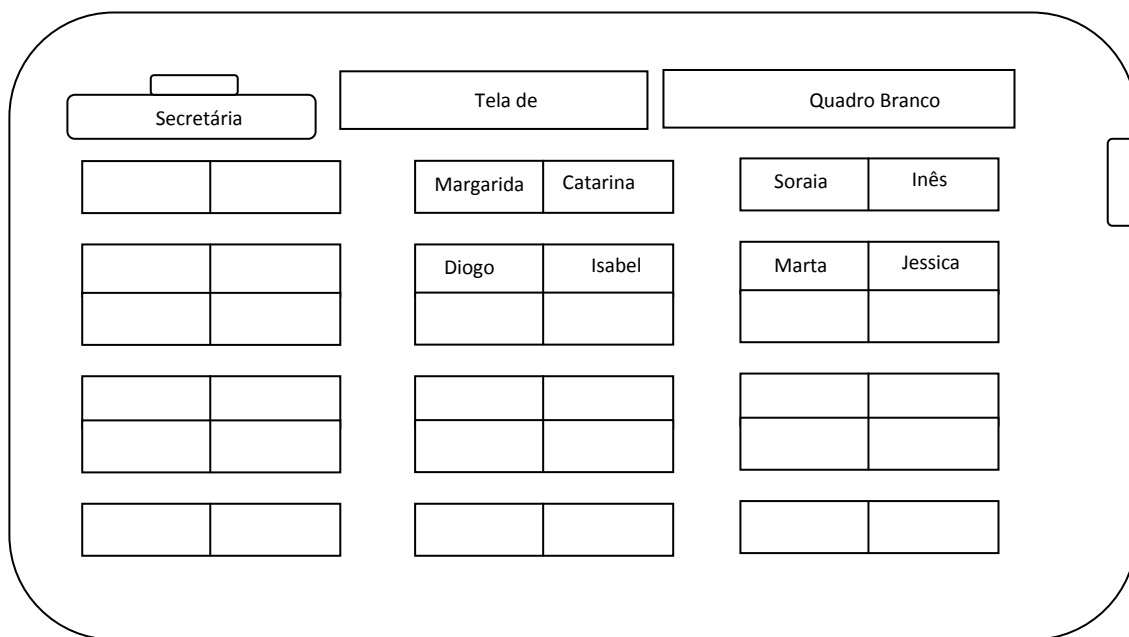


Figura 4 – Esquema de disposição da sala de aula.

3. PERTINÊNCIA E OBJECTO DE ESTUDO

A pertinência deste estudo justifica-se com o facto da importância de se adequar as estratégias ao público que se encontra à nossa frente, pois é esta a essência do ensino do professor e da arte de ensinar. As estratégias são parte fundamental da capacidade de aprendizagem do aluno, pois quanto mais adequadas, maior será com certeza a sua motivação para a aquisição dos conteúdos.

A actividade docente é caracterizada pelo desafio permanente dos profissionais da educação em estabelecer relações interpessoais com os educandos, de modo que o processo de ensino-aprendizagem seja articulado e que os métodos utilizados cumpram os objectivos a que se propõem.

Efectivamente quando nos deparamos com um público que de alguma forma saia dos parâmetros estabelecidos, ou que os professores estabelecem para si próprios, esta adequação terá de ser imediata e repercutir-se-á, com certeza, nas estratégias a adoptar perante o mesmo.

É o caso deste estudo, que se desenvolve com uma turma de apenas 8 alunos, no Ensino Secundário Regular, facto que sai fora dos parâmetros habituais das turmas de ensino secundário. Assim, o interesse se ter despertado no sentido de perceber quais as estratégias de ensino mais adequadas a um público tão reduzido, como é o caso.

◆ METODOLOGIA DO ESTUDO

A investigação em causa insere-se numa perspectiva qualitativa da investigação educacional. Como afirma Bodgan e Biklen (1994), a pesquisa qualitativa envolve a obtenção de dados descritivos, obtidos no contacto directo do investigador com a situação onde os fenómenos ocorrem naturalmente e onde são influenciados pelo seu contexto. Assim sendo, “os métodos qualitativos enfatizam as especificidades de um fenómeno em termos das suas origens e da sua razão de ser” (Haguette, 2005, p.63). Por

sua vez, González Rey (2005, p.63) refere que a metodologia qualitativa é “orientada para a construção de modelos compreensivos sobre o que se estuda”.

Assim sendo, a investigação qualitativa ou também designada naturalista envolve a obtenção de dados descritivos resultantes do contacto directo do investigador com a situação estudada. Este tipo de investigação enfatiza mais o processo do que o produto e preocupa-se em retratar a perspectiva dos participantes.

Nos estudos sobre Educação recorre-se a este tipo de metodologia, pois torna-se cada vez mais importante conhecer, descrever, explicar e interpretar a natureza dos fenómenos educativos e foi neste contexto que se optou por uma metodologia qualitativa.

Relativamente à investigação qualitativa, Bodgan e Biklen (1994) enunciam cinco características desta metodologia: a) a fonte directa dos dados é o ambiente natural, sendo o investigador o instrumento principal; b) os dados recolhidos são fundamentalmente descritivos; c) interessa mais o processo do que os resultados ou os produtos; d) os dados tendem a ser analisados de forma indutiva e e) é dada especial importância ao ponto de vista dos participantes.

3.1. ESTUDO DE CASO

O estudo de caso é um processo específico para o desenvolvimento de uma investigação qualitativa e tem como objecto de estudo uma entidade bem definida: um programa, uma instituição, um sistema educativo, uma turma, uma pessoa ou uma entidade (Ponte, 2005). Ainda, segundo o mesmo autor, o objectivo do estudo de caso é “compreender em profundidade o “como” e os “porquês” dessa entidade, evidenciando a sua identidade e características próprias, nomeadamente nos aspectos que interessam ao pesquisador” (Ponte, 2005, p.2). O estudo de caso assume-se, na perspectiva de Ponte (2005, p.2), como uma investigação:

“particularística, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única ou especial, pelo menos em certos aspectos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico e, desse modo, contribuir para a compreensão global de um certo fenómeno de interesse”.

Por isso, baseia-se fortemente no trabalho de campo e utiliza uma grande variedade de instrumentos e estratégias de recolha de dados, privilegiando as observações, entrevistas e documentos, sendo o investigador o principal instrumento de recolha de dados. O estudo de caso, tem como objectivo identificar padrões, não testa hipóteses embora possa gerar novas hipóteses, novas teorias e novas questões para futura investigação (Ponte, 2005).

O estudo de caso aqui apresentado, foi realizado na sequência da minha intervenção lectiva na Escola Secundária Josefa de Óbidos, numa turma do Curso de Ciências Socioeconómicas, do 10.º ano de escolaridade. (Anexo 2)

Trata-se de uma turma que foi criada a partir da manifestação de preferência dos alunos pela Área Socioeconómica, pois não havendo alunos suficientes para formar uma turma a escola optou por criar uma única turma no Curso de Ciências e Tecnologias que se separa no horário das disciplinas específicas do curso, como é o caso da Economia, desdobrando-se em duas turmas, uma do Curso de Ciências e Tecnologias e outra de Ciências Socioeconómicas.

3.1.1. Os Professores

A professora da disciplina – Doutora Maria João Pais – co-orientadora deste estudo, é licenciada em Economia pelo ISEG, é professora do Ensino Secundário desde 1976; co-autora de vários programas para as disciplinas do grupo disciplinar em que se insere, dos respectivos guias de aprendizagem, bem como de vários manuais didácticos.

Como professora bastante experiente que é, estabelece com esta turma um bom ambiente de aula, sendo que os alunos revelam perante a professora um permanente respeito, mantendo um ambiente calmo de aprendizagem. A relação dos alunos com a professora revelou-se muito boa e interessante, mantendo o devido distanciamento de “posições”.

Também de referir que a segurança nos conteúdos transmitida pela professora, permite aos alunos intervenções mais frequentes e com algum sentido de “descoberta” para além do evidenciado.

3.1.2. Os Alunos

A turma sobre a qual o estudo incide é o 10.º C da Escola Secundárias Josefa de Óbidos. Para melhor se poder caracterizar a turma, foi aplicado no início da nossa intervenção, um questionário (Anexo 3) aos alunos da turma, com excepção de uma aluna que por motivos de doença se encontrava ausente, bem como nas aulas seguintes, motivo pelo qual não lhe ter sido aplicado o respectivo questionário.

Esta turma é constituída por 8 alunos, 7 raparigas (87,5%) e 1 rapaz (12,5%), cujas idades, no início do ano lectivo, estavam compreendidas entre os 14 e os 16 anos.

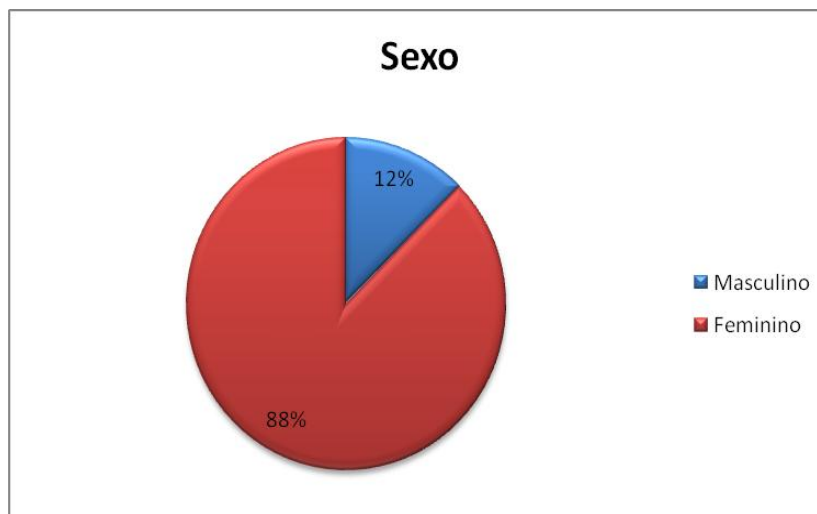


Gráfico 1 – Distribuição dos alunos por sexo.

De acordo com os resultados do questionário, no início do ano lectivo de 2010/2011, a idade dos alunos variava entre os 14 e os 16 anos como se pode verificar no gráfico 2.

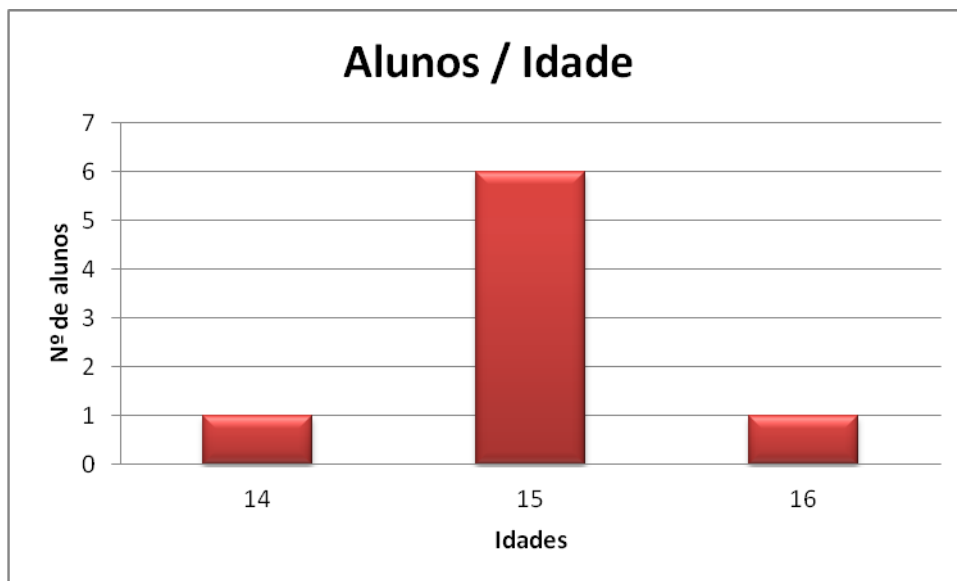


Gráfico 2 – Distribuição dos alunos por idade.

O questionário compreendia duas partes distintas, uma primeira parte relativa a dados pessoais e familiares e uma segunda parte de questões abertas acerca do curso e das perspectivas de futuro dos alunos.

Foram realizadas duas questões iniciais sobre a posse de computador portátil e de acesso móvel à internet, no sentido de se perceber as competências e interesse pelas Tecnologias de Informação e Comunicação, o contexto socioeconómico em que vivem e também até que ponto as estratégias de ensino-aprendizagem utilizadas podem socorrer-se das novas tecnologias.



Gráfico 3 – Número de alunos que possuem computador portátil.

Apenas um aluno referiu que não possui computador portátil, mas em relação à internet móvel, são mais os que não possuem, o que faz deduzir que os alunos da turma pertencem a famílias de classe média e que na sua maioria possuem competências básicas de T.I.C., que permitirão utilizar como estratégias de ensino-aprendizagem.

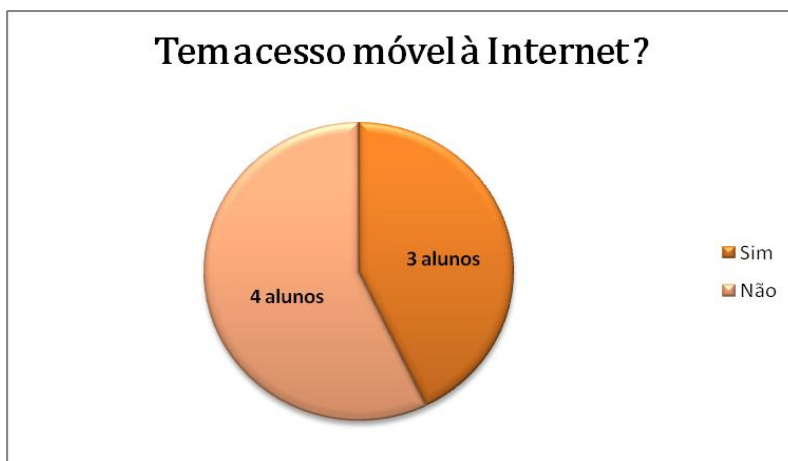


Gráfico 4 – Número de alunos que possuem internet móvel.

Depois foram colocadas algumas questões para verificar a contextualização familiar de cada aluno, importante para se verificar o acompanhamento que os alunos têm em termos familiares e a sua estabilidade.

Verificou-se que apenas dois alunos vivem em famílias monoparentais, sendo que os restantes vivem com os dois progenitores; também relativamente às suas profissões, na sua maioria são profissões por conta de outrem.

Apenas dois alunos são filhos únicos, sendo que os restantes têm somente um irmão. Ainda se questionou o local de residência, a fim de se perceber se residem na área da escola, factor importante nas chegadas dos alunos a horas das aulas; verificou-se que só dois residem fora de Lisboa, de entre os quais um na Amadora e outro em Corroios.

Com a segunda parte do questionário, onde foram feitas questões abertas acerca do curso e das perspectivas de futuro dos alunos, podemos analisar que a maioria dos alunos escolheu o curso por ser a sua área de preferência a nível profissional, pois ambicionam profissões na área da Banca e Gestão, somente o aluno Diogo manifestou que este curso não havia sido a sua primeira escolha, pois pretende uma profissão na

área da Hotelaria. Contudo, é de referir que algumas respostas relativas à profissão de futuro demonstraram alguma indecisão, mas apenas um aluno disse não saber se tenciona prosseguir estudos, todos os outros manifestaram interesse em prosseguir para a faculdade.

Quanto à opinião sobre a disciplina de Economia todos consideraram-na como interessante e importante para o seu futuro. Também foi considerada como disciplina preferida, seguindo-se a Língua Portuguesa. As disciplinas de Inglês e Matemática foram consideradas as de maior dificuldade.

3.2. INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS

A prática lectiva sobre a qual se debruça este estudo foi desenvolvida na **Unidade 6 – Rendimentos e Repartição dos Rendimentos**, no 10.º ano de escolaridade, tendo por base as orientações e sugestões preconizadas pelo *Programa de Economia A do Ensino Secundário*.

Esta unidade apresenta a seguinte estrutura:

Unidade 6 - Rendimentos e repartição dos rendimentos

- 6.1. A actividade produtiva e a formação dos rendimentos
- 6.2. A repartição funcional dos rendimentos
- 6.3. A repartição pessoal dos rendimentos
- 6.4. A redistribuição dos rendimentos
- 6.5. As desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia

De acordo com o Programa de Economia A estipulado pelo Ministério da Educação:

No desenvolvimento desta unidade pretende-se:

- ✓ Analisar os mecanismos de formação e de repartição dos rendimentos;
- ✓ Analisar os objectivos e os meios de redistribuição dos rendimentos, assim como as causas da persistência de desigualdades na sua repartição.

OBJECTIVOS GERAIS:

- Conhecer o processo de formação dos rendimentos
- Analisar as diferentes formas da repartição dos rendimentos
- Compreender os mecanismos de redistribuição dos rendimentos
- Analisar as desigualdades na repartição dos rendimentos

A planificação da unidade (Anexo 4) foi construída mediante os objectivos gerais e específicos a atingir e, tendo em conta o estudo realizado, incorporando as estratégias de ensino aprendizagem que se consideraram mais adequadas à turma em questão.

No estudo desenvolvido, os papéis de investigar e leccionar recaíram sobre mim, o que tornou o meu desempenho algo complexo, pois a recolha de dados durante a prática lectiva poderia pôr em causa o meu papel enquanto professora. Desta forma, a referida recolha foi pensada de modo a não prejudicar o meu papel de professora, mas, simultaneamente, não comprometendo o estudo que iria realizar. Para tal foram utilizados os métodos de recolha de dados que a seguir se apresentam: observação directa e recolha documental.

A) Observação Directa

A observação directa é um método para obter amostras de comportamento e determinar situações que sejam à partida importantes numa situação natural ou numa situação análoga.

A observação do trabalho realizado individualmente e pelos pares de alunos (grupos formados para a realização do jogo da memória e do trabalho de pesquisa) foi seleccionada como método de recolha de dados porque a considereei essencial para responder à questão do estudo.

Uma vez que o estudo incide sobre uma turma reduzida, foi possível registar o que em geral se passou ao longo das aulas em que estive em contacto com os alunos, através da elaboração do respectivo diário de campo (Anexo 5) e assim detectar os pares em que a interacção é mais rica em relação ao trabalho efectuado, ou seja, aqueles que, potencialmente, poderiam contribuir com dados mais interessantes para os registos efectuados.

Também considerada por Estrela, A. (1994) como observação participada, pois corresponde a uma observação em que o observador participa directamente na actividade do observado, mas sem deixar de representar o seu papel de professor-observador.

Para Zabalza (1994, p.95) os diários de campo “ são um diálogo que o professor, através da leitura e da reflexão, trava consigo mesmo acerca da sua actuação nas aulas. A reflexão é, pois, uma das componentes fundamentais dos diários dos professores.”

B) Recolha documental

Ao instrumento já mencionado, juntei ainda a análise de algumas tarefas e trabalhos realizados em aula e dos resultados do Teste Sumativo (Anexo 7). A análise das tarefas, das que foram elaboradas em papel, foi planeada porque através desta eu poderia perceber se as estratégias adoptadas para a turma em questão tinham ou não resultado positivamente. Logo, este método poderia ser útil para procurar resposta à questão em estudo - ***Quais as estratégias de ensino-aprendizagem mais adequadas numa turma reduzida?***

Para reflectir sobre o desempenho dos alunos na unidade por mim leccionada, considere os resultados que estes apresentaram no Teste Sumativo (Anexo 6). Nessa análise não considere as resoluções escritas do teste, uma vez que este teve de ser entregue aos alunos dentro de um determinado prazo, durante o qual se deu a correcção do teste, pelo que não me foi possível aceder e analisar essas resoluções.

3.2.1. Observação de Aulas

A sequência das três aulas leccionadas foi planeada tendo em conta os diversos subtemas a abordar e a forma como estes se relacionam com o dia-a-dia de cada um, seguindo uma sequência didáctica que permite rentabilizar da melhor forma o tempo que é concedido para a unidade.

A unidade foi leccionada cumprindo-se a sequência referenciada pelo programa da disciplina de Economia A , e tendo em consideração que esta prática seria partilhada entre a autora deste estudo e uma colega de curso, foi estipulado com o consentimento do orientador e da co-orientadora que a primeira parte da unidade seria leccionada pela aluna Dária Andrade e a segunda parte pela autora deste relatório, cabendo à primeira abordar os subtemas 6.1, 6.2 e 6.3, e à segunda o 6.4 e 6.5.

De referir ainda, que esta divisão teve em conta os assuntos que cada uma iria estudar no seu relatório final, sendo esta escolha feita em comum acordo entre todas as partes envolvidas e devidamente comunicada aos alunos da turma.

Assim, este relatório debruçar-se-á sobre os seguintes subtemas da unidade:

Unidade 6 - Rendimentos e repartição dos rendimentos

6.4. A redistribuição dos rendimentos

6.5. As desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia

A calendarização da sequência didáctica apresenta-se no quadro abaixo.

<i>Calendarização das aulas:</i>	<i>subtemas:</i>
29 DE MARÇO DE 2011 (90 MINUTOS)	6.4 – A redistribuição dos rendimentos
30 DE MARÇO DE 2011 (90 MINUTOS)	
31 DE MARÇO DE 2011 (90 MINUTOS)	6.5 – As desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia.

Quadro 1 – Calendarização das aulas leccionadas na unidade 6.

1ª AULA (29 de Março de 2011)

Sendo uma aula que vinha na sequência dos subtemas anteriores, e tendo em conta que nestes foram introduzidos os conceitos principais associados ao tema da unidade em causa, conforme planificação da aula (Anexo 8), a mesma foi iniciada com o enquadramento do subtema nas aulas anteriores.

Com o intuito de sensibilizar os alunos para o tema de aula, foi utilizado como estratégia inicial o visionamento de um pequeno filme sobre desigualdades sociais (Anexo 9), este apresentou uma sequência de imagens que demonstram claramente os contrastes sociais existentes em diferentes situações como as formas de transporte, de habitação, de alimentação, de vestuário e até de educação, entre outras. As imagens são fortes precisamente com o objectivo de criar impacto e provocar a sensibilidade dos alunos para o tema. No final o filme passa uma breve mensagem: “A repartição primária dos rendimentos gera desigualdades económicas que estão na base das desigualdades sociais e no diferente acesso à satisfação das necessidades básicas”.

Após concluído o visionamento do filme fez-se uma pequena partilha de opinião sobre o assunto, acompanhada da explicação da noção de repartição dos rendimentos, explicitada através de slides gráficos que facilitavam o acompanhamento dos conceitos que se iriam expondo e também sendo uma ajuda importante na dedução de determinados conceitos utilizados no dia-a-dia.

Toda a aula foi acompanhada com a projecção de slides em powerpoint (Anexo 10) elaborado pela professora como meio facilitador do acompanhamento do conteúdo a ser leccionado.

De seguida, apresentaram-se as diferentes formas de receitas do Estado, através de esquema projectado e acompanhado pelo manual da disciplina. Foram abordadas as receitas patrimoniais ou voluntárias, as receitas coactivas e as receitas creditícias, sendo que foram mais focadas as receitas coactivas através dos exemplos que partilhámos de impostos directos e indirectos e de taxas que facilmente os alunos identificaram como presentes no seu dia-a-dia. Pois torna-se relativamente fácil a abordagem destes conceitos através de exemplos do quotidiano, numa turma de pequena dimensão em que todos alternadamente conseguem dar o seu contributo.

Após o reconhecimento dos diferentes tipos de impostos directos e indirectos foi apresentado um gráfico representativo das contribuições de particulares e empresas nos anos de 2005 a 2009. Esta representação permite aos alunos ter uma noção concreta do impacto das contribuições nas receitas do Estado.

Ainda nesta aula foram abordadas as Políticas Fiscais do Estado através da sua noção e de uma análise conjunta de dados orçamentais relativos às receitas e despesas fiscais, apresentadas por meio de uma tabela elaborada a partir do Orçamento de Estado de 2010, documento oficial fornecido pela Direcção Geral do Orçamento. A visualização de valores concretos facilita a compreensão dos alunos do papel das políticas fiscais do Estado.

Por sequência ainda foi exposta a noção de Políticas Sociais do Estado e feita igualmente uma análise dos valores respeitantes às receitas e despesas sociais, incluídas no Orçamento de Estado de 2010, documento oficial fornecido pela Direcção Geral do Orçamento.

Para consolidar e aplicar todos os conceitos adquiridos na aula, pensou-se numa tarefa possível de se realizar com um grupo pequeno de alunos, a aplicação de um jogo de memória de conceitos (Anexo 11), este jogo foi elaborado pela professora e consistia na utilização de uma cartolina, previamente elaborada, dividida em duas partes – uma parte com janelas identificadas numericamente e outra parte com janelas identificadas

alfabeticamente - janelas que abertas escondiam os conceitos abordados em aula, os alunos formaram aleatoriamente pares para jogarem, o jogo tinha como objectivo a correcta correspondência de um termo à respectiva noção, através da abertura de uma janela numérica e uma janela alfabética, como por exemplo: Janela 1 (Redistribuição do Rendimento) correspondia à Janela A (Corrigir desequilíbrios resultantes da primeira repartição dos rendimentos).

Este jogo veio motivar a atenção, compreensão e memorização dos conceitos adquiridos em aula, bem como estimular a competição saudável entre equipas.

2ª AULA (30 de Março de 2011)

Esta aula (Anexo 12) seguia-se à introdução do subtema Políticas do Estado na redistribuição dos rendimentos, pelo que foi considerado necessário iniciar com a clarificação do sistema de progressividade dos impostos directos na Política Fiscal do Estado, situação que não havia ficado devidamente consolidada na aula anterior.

Assim, optou-se pela aplicação de uma ficha de trabalho (Anexo 13) com apenas dois exercícios de aplicação que traduzem exactamente a aplicação de taxas progressivas nos impostos indirectos, passando a mensagem que os rendimentos mais elevados estão sujeitos a taxas mais altas, conforme os alunos puderam comprovar com recurso ao Despacho nº. 2517/A de 2011 (Anexo 14) onde são aprovadas as tabelas do regime de retenção na fonte em sede de imposto sobre o rendimento das pessoas singulares (IRS). Nestes exercícios os alunos aplicaram o cálculo das taxas de IRS e Contribuições Sociais das famílias.

Seguidamente passou-se à explicação do Rendimento Disponível dos Particulares, através da sua noção e apresentação das suas componentes, que permitiu também introduzir a noção de poupança, como destino que se poderá dar ao rendimento disponível das famílias/particulares, que poderá ser para gastos/consumo ou poupança.

Ainda nesta aula fez-se a introdução ao subtema 6.5 - As desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia, tema que se optou por trabalhar utilizando como estratégia o trabalho de pesquisa, desenvolvido a pares, pois a

turma sendo tão reduzida não permite trabalho de grupo, a partir de um Guião de Pesquisa entregue pela professora (Anexo 15).

Esta temática – As desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia – só permite ser abordada através de dados concretos que traduzam as diferentes realidades, para tal o trabalho de pesquisa de valores reais dos indicadores específicos que traduzem de alguma forma pontos de comparação entre países da União Europeia e Portugal dará a possibilidade de os alunos conhecerem as diferentes realidades e poderem eles próprios estabelecer as devidas comparações e tirarem as suas conclusões quanto às desigualdades existentes e evidentes na repartição dos rendimentos.

A biblioteca da escola havia sido previamente requisitada para utilização dos computadores e internet, no entanto, como a sala de aula dispunha de computadores com internet e o trabalho de pesquisa foi iniciado na segunda parte da aula, não havendo intervalo para nos deslocarmos para a biblioteca, optou-se por utilizar os computadores da sala para iniciar a pesquisa, combinando-se que a aula seguinte iria iniciar-se na biblioteca para conclusão da respectiva pesquisa, sendo que a biblioteca escolar permite um tipo de pesquisa diferente, recorrendo a revistas e jornais.

Os alunos organizaram-se em pares e iniciaram facilmente a pesquisa com recurso ao motor de pesquisa Google, ou recorrendo directamente aos sites sugeridos no guião de pesquisa, como : www.ine.pt ; www.pordata.pt ; www.portugal.gov.pt (Orçamento de Estado 2011) ; www.bportugal.pt (Relatório Anual do Banco de Portugal).

Este tipo de tarefa provoca normalmente uma motivação diferente nos alunos, não sendo excepção a turma em estudo, que trabalhando a pares permitiu formar quatro pequenos grupos/pares, que no final puderam dar o seu contributo enriquecendo assim o conhecimento do grupo-turma em relação a este tema.

O facto de se tratar de uma turma reduzida limita este tipo de trabalho à execução em pares, pois se fossemos promover os trabalhos em grupo, apenas

conseguiríamos obter dois grupos, de quatro elementos cada, e assim o contributo final para o grupo-turma seria muito reduzido, não sendo tão produtivo.

3ª AULA (31 de Março de 2011)

Ao tratar-se da última aula da unidade (Anexo 16), decidiu-se dedicar a primeira parte da aula, ou seja os primeiros 45 minutos, à conclusão da tarefa iniciada na aula anterior, o trabalho de pesquisa sobre – As desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia – e respectiva apresentação dos trabalhos ao grupo-turma. Desta forma, proporcionou-se uma partilha de informação que contribuiu para um aumento do conhecimento de todos.

A aula iniciou-se na biblioteca da escola, conforme havia sido combinado com os alunos, estes concluíram em cerca de 30 minutos os seus trabalhos, preparando inclusive as respectivas apresentações. Os alunos foram solicitando alguma ajuda em determinadas situações, nomeadamente pedindo opinião sobre a forma de apresentação dos conteúdos que haviam recolhido, dei-lhes o apoio necessário e um acompanhamento permanente a todos os grupos.

Os alunos mostraram-se entusiasmados com a execução deste tipo de trabalho, muito pelo facto de se tratar de uma tarefa fora de sala de aula, em que lhes foi permitida alguma liberdade na feitura do mesmo trabalho.

Passado o tempo previsto, os 30 minutos, dirigimo-nos todos para a sala de aula para se proceder às apresentações dos respectivos trabalhos, na sua maioria os pares utilizaram o software powerpoint como suporte das suas apresentações (Anexo 17), o par que iniciou a sua apresentação foi as alunas Catarina e Margarida que fizeram a pesquisa sobre a Taxa de Risco de Pobreza em Portugal, de seguida as alunas Inês e Soraia que trabalharam sobre o Salário Mínimo Mensal na Europa, depois as alunas Marta e Isabel que nos falaram sobre as Desigualdades na Europa, mostrando os indicadores de PIB *per Capita* na Europa, e por fim o aluno Diogo e a colega Jessica que não utilizaram qualquer suporte, apenas expuseram oralmente o que haviam pesquisado igualmente sobre o indicador de PIB *per Capita* na Europa.

Curioso foi o último par (Digo e Jessica) apresentar valores diferentes trabalhando o mesmo tema que as colegas do grupo anterior (Marta e Isabel), facto que serviu para uma chamada de atenção à viabilidade e veracidade dos sites que consultamos na internet.

Com a apresentação oral da pesquisa que tinha sido realizada, consegui perceber que os alunos entenderam o significado da sua pesquisa e até que ponto os indicadores que pesquisaram contribuem para as desigualdades existentes na repartição dos rendimentos em Portugal e na Europa.

Como conclusão do trabalho realizado, a professora ainda apresentou quadros estatísticos (Anexo 18) como síntese e confirmação dos dados expostos pelos alunos e fez-se uma breve recapitulação da temática em conjunto com os alunos.

Na segunda parte da aula, e tendo em conta que seria a última aula expositiva da unidade, decidimos aplicar uma Ficha Formativa (Anexo 19) para revisão e preparação para o teste de avaliação a realizar no final da unidade.

As fichas foram distribuídas pelos alunos individualmente, lidas as questões para que os alunos pudessem colocar algumas dúvidas e por fim estes começaram a responder às questões, não concluindo por falta de tempo, mas ficou o compromisso de conclusão da ficha para ser corrigida oralmente na aula seguinte, com a professora Maria João Pais, professora da disciplina.

3.2.2. Considerações sobre as Aulas Observadas

As aulas leccionadas na unidade 6 - **Rendimentos e Repartição dos Rendimentos**, decorreram de acordo com o planeado, possibilitando a concretização dos objectivos previstos.

Reconhecem-se algumas limitações neste estudo nomeadamente no que diz respeito a alguma incompatibilidade de horários da autora para reflexão sobre as aulas, com a professora da turma onde se realizou o estudo. Essa incompatibilidade foi

ultrapassada essencialmente pelo contacto via correio electrónico e telefónico que se foi mantendo, impedindo assim que interferisse na planificação das aulas a observar e nas actividades a realizar, tendo a professora e a autora o cuidado de programar atempadamente a calendarização da observação das aulas.

Para se tecer algumas considerações sobre as aulas observadas a autora recorreu ao seu Diário de Bordo, este pretende ser o instrumento no qual o investigador reúne as notas que tira das suas observações no campo. Estas notas são “o relato escrito daquilo que o investigador ouve, vê, experiencia e pensa no decurso da recolha e reflectindo sobre os dados de um estudo qualitativo” (Bodgan & Biklen, 1994, p. 150).

O diário representa assim uma fonte importante de dados e pode também ajudar o investigador a “acompanhar o desenvolvimento do projecto, a visualizar como é que o plano de investigação foi afectado pelos dados recolhidos, e a tornar-se consciente de como ele ou ela foram influenciados pelos dados” (Bodgan & Biklen, 1994, p. 151).

Neste estudo são considerados dois tipos de notas que integrarão o diário de bordo: notas de tipo descritivo e de tipo reflexivo. A parte descritiva, segundo Bodgan & Biklen (1994), é um registo pormenorizado do que ocorreu durante a observação.

Ainda segundo os mesmos autores, a parte reflexiva deve incluir as observações pessoais do observador, ocorridas durante a recolha de dados, as suas especulações, sentimentos, ideias, problemas e dúvidas que possam surgir.

Seguidamente, apresentam-se as sínteses reflexivas dessas mesmas aulas, salientando algumas reacções e comportamentos perante as estratégias adoptadas.

Síntese Reflexiva 1ª AULA (29 de Março de 2011)

Gostei bastante do ambiente de aula que se proporcionou, apesar de inicialmente me sentir um pouco nervosa e pouco à vontade, pois afinal era a primeira vez que leccionava àquela turma, foi “uma sensação igual ao primeiro dia do ano lectivo numa escola nova”.

A estratégia inicial que foi utilizada tinha o intuito de sensibilizar os alunos para o tema de aula, criando impacto através de algumas imagens, ponto que considero essencial para o tema das desigualdades sociais e que foi conseguido com a turma em causa;

O filme permitiu a partilha de sensações, ideias, opiniões; ou seja, conseguiu-se atingir o objectivo principal que foi a sensibilização para o tema de aula;

Recorrendo aos diapositivos que levei para suporte da aula, foi uma ajuda importante na dedução de determinados conceitos utilizados no dia-a-dia.

Os diapositivos foram um recurso utilizado como meio facilitador do acompanhamento do conteúdo a ser leccionado.

Foi nítido e os alunos fizeram questão de demonstrar a facilidade na interpretação de conceitos que são expostos através de esquema, pois tornava-se mais concreto do que a interpretação de pequenos excertos de texto;

A abordagem destes conceitos através de exemplos do quotidiano torna-se bastante fácil quando se trata de uma turma de pequena dimensão em que todos alternadamente conseguem dar o seu contributo, sente-se que a aula fica substancialmente mais rica;

Ao apresentar um gráfico representativo das contribuições de particulares e empresas nos anos de 2005 a 2009, senti que não havia sido muito explícita e que os alunos não haviam alcançado o objectivo por completo, apenas consegui que ficassem com a noção concreta do impacto maior ou menor das contribuições nas receitas do Estado.

Foram abordadas as Políticas Fiscais e Sociais do Estado apresentadas por meio de documentos oficiais fornecidos pela Direcção Geral do Orçamento que permitiu a visualização de valores concretos facilitando a compreensão dos alunos do papel das políticas fiscais e sociais do Estado.

Foi muito rica a aplicação do jogo de memória de conceitos, permitiu consolidar e aplicar todos os conceitos adquiridos na aula, os alunos mostraram-se motivados e empenhados na realização deste jogo.

Considera-se que a prática de jogos, em particular dos jogos de memorização, contribui de forma articulada para o desenvolvimento de pensamentos lógicos e para o desenvolvimento pessoal e social.

Síntese Reflexiva 2ª AULA (30 de Março de 2011)

A aula iniciou-se um pouco depois da hora prevista, tendo em conta o atraso dos alunos Diogo e Margarida, e uma vez que se trata de uma turma de pequena dimensão qualquer ausência, por mais pequena que seja é sentida como motivo de alteração de estratégias, assim tenta-se de alguma forma esperar pelos alunos todos para se iniciar a aula.

Tendo em conta que a explicação que foi dada na aula anterior sobre os impostos directos e indirectos não atingiram por completo o objectivo pretendido, sentido necessidade de recorrer a uns exercícios de aplicação para clarificar o sistema de progressividade dos impostos directos, aplicação que resultou perfeitamente, uma vez que os alunos mostraram ter entendido a mensagem.

Em relação ao conceito de rendimento disponível dos particulares os alunos facilmente o identificaram no seu dia-a-dia, pelo que não houve necessidade explorar para além do apresentado.

Iniciou-se o subtema 6.5 – As desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia com a utilização de uma estratégia de trabalho pesquisa, tendo em conta que se trata de um tema melhor entendível através de valores concretos e reais, que sirvam de comparação entre a situação de Portugal e os restantes países da União Europeia. Os alunos, assim que foi lançada a actividade mostraram-se muito entusiasmados e motivados, pois saía da rotina habitual da sala de aula. Chegaram inclusive a verbalizar o seu contentamento por lhes ser dada total liberdade de exploração do tema, com orientação do guião de pesquisa.

A aula iniciou-se na biblioteca da escola conforme havia sido programado na aula anterior para utilização dos computadores e internet, com vista à conclusão do trabalho de pesquisa que os alunos haviam iniciado.

As alunas Catarina e Margarida chegaram atrasadas à aula, o que não perturbou o início da mesma tendo em conta que os seus pares já haviam iniciado o trabalho.

Durante toda a primeira parte da aula foi realizado este trabalho e concluídas as apresentações orais em sala de aula.

As apresentações orais não mostraram muita qualidade, no entanto contribuíram para o enriquecimento do tema explorado posteriormente, com mais informação, dada pela professora após concluídas todas as apresentações. Dos pares que desenvolveram o trabalho é de registar que todos fizeram um esforço por apresentar graficamente os seus resultados, excepto o par composto pelos alunos Diogo e Jessica, que se limitaram a apresentar verbalmente resultados não muito credíveis, facto que também gerou alguma controvérsia em aula, permitindo à professora fazer uma chamada de atenção especial à forma de pesquisa utilizada e à credibilidade dos sites consultados.

Trabalhando a pares, os alunos teriam oportunidade de discutir os conceitos a utilizar, as dificuldades apresentadas e as opções tomadas relativamente às estratégias e à utilização dos instrumentos disponíveis; o que, nem sempre, é transmitido nas resoluções apresentadas.

3.3. IDENTIFICAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE APRENDIZAGEM UTILIZADAS PELO PROFESSOR

De uma forma geral vários investigadores identificaram diferentes tipos de estratégias aplicadas ao contexto educativo. Qualquer classificação por mais abrangente que seja, terá sempre um carácter limitativo, em virtude de não se poder abranger em pormenor a totalidade dos procedimentos.

Pozo, (1996, cit. in Veiga Simão, A., 2002) apresenta dois tipos de aprendizagem, por associação e por reestruturação. Para estes investigadores, as estratégias por associação consiste num processo de verificação e repetição por várias vezes, durante a fase de aquisição do conhecimento, torna-se “uma estratégia eficaz pois, permite manter durante mais tempo a informação na memória a curto prazo, facilita a transferência dessa informação para a memória a longo prazo e a sua posterior recuperação.”

Já as estratégias por reestruturação, “são estratégias que recorrem a associar os materiais de aprendizagem com conhecimentos anteriores, situando-os em estruturas de significado mais ou menos amplas”.

Existem inúmeras classificações de tipos de estratégias de aprendizagem, no entanto a autora deste estudo considerou, que de acordo com os objectivos deste estudo, o quadro que se segue, apresenta uma breve descrição individualizada e mais adequada das estratégias utilizadas, a partir do entendimento das autoras Anastasiou e Alves (2004), acrescidas das recomendações de Marion e Marion (2006), aplicáveis à área de negócios e Petrucci e Batiston (2006). Esta foi a classificação considerada neste estudo, tendo em conta a sua adequação ao que foi realmente observado.

<i>Estratégia Aplicadas</i>	<i>Descrição</i>
Aula expositiva dialogada	É uma exposição do conteúdo, com a participação activa dos alunos, cujo conhecimento prévio deve ser considerado e pode ser tomado como ponto de partida. O professor leva os alunos a questionarem, interpretar e discutirem o objecto de estudo, a partir do reconhecimento e do confronto com a realidade. (Anastasiou; Alves, 2004)
Estudo dirigido e aulas orientadas	Permite ao aluno situar-se criticamente, extrapolar o texto para a realidade vivida, compreender e interpretar os problemas propostos, atenuar dificuldades de entendimento e propor alternativas de solução; Exercita no aluno a habilidade de escrever o que foi lido e interpretá-lo; Prática dinâmica, criativa e crítica da leitura. (Marion; Marion, 2006); (Petrucci;

	Batiston, 2006)
Resolução de exercícios	O estudo por meio de tarefas concretas e práticas tem por finalidade a assimilação de conhecimentos, habilidades e hábitos sob a orientação do professor. (Marion; Marion, 2006)
Ensino individualizado	O ensino individualizado é a estratégia que procura ajustar o processo de ensino-aprendizagem às reais necessidades e características do aluno. (Petrucci; Batiston, 2006)
Jogos <i>(Jogo da memória)</i>	A utilização desta estratégia permite ao aluno armazenar as novas informações mais facilmente. Fazem parte das estratégias de memória o uso de imagens e sons, uso de rimas, utilização de palavras-chave, substituição de novas palavras em um contexto. (Petrucci; Batiston, 2006)

Quadro 2 - Definição das estratégias de ensino aplicadas.

Na fase de avaliação, a preparação para as provas de avaliação surge também como uma das estratégias de auto-regulação mais relevantes. Para além de permitirem a regulação do processo de ensino do professor, constitui-se num importante instrumento de auto-avaliação. São ainda um meio de tomada de consciência do nível real de exigência do sistema educativo. Uma das estratégias de aprendizagem mais eficazes na preparação para o processo de avaliação está relacionada com a competência para antecipar questões passíveis de serem avaliadas, através da aplicação de uma ficha formativa global sobre a unidade completa.

3.4. A DIVERSIFICAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS FACILITA O PROCESSO DE ENSINO APRENDIZAGEM

Actuar estrategicamente face a uma actividade de ensino aprendizagem implica ser capaz de tomar decisões conscientes sobre os actos a realizar, orientar-se para o objectivo pretendido e efectuar a auto-avaliação do processo de aprendizagem seguido.

A definição do uso de determinada estratégia de ensino aprendizagem considera os objectivos que o docente estabelece e as habilidades a serem desenvolvidas em cada série de conteúdos. No entender de Pimenta e Anastasiou (2002, p. 195) “a respeito do

método de ensinar e fazer aprender (ensino) pode-se dizer que ele depende, inicialmente, da visão de ciência, de conhecimento e de saber acadêmico do professor”.

Conforme descrito no ponto anterior, deste capítulo, várias foram as estratégias aplicadas ao longo das três aulas leccionadas, no entanto existe uma enorme diversidade de estratégias de ensino aprendizagem que são parte integrante do processo de ensino. Segundo Vieira e Vieira (2005), as estratégias de ensino aprendizagem assumiram maior destaque desde que se tornaram elemento integrante do processo educativo, fundamentalmente para propiciar a realização de aprendizagens por parte dos alunos.

Considerando a natureza diferenciada das aprendizagens, “não existe um método melhor que outro para todas as ocasiões” (Bordenave e A.Pereira, 1991, p.127). Mas, genericamente, pode afirmar-se que, como aliás tem sido apontado por vários investigadores, se o professor pretende que o seu ensino seja mais efectivo deve escolher uma estratégia que proporcione: a mais activa participação dos alunos; um elevado grau de realidade ou concretização; e um maior interesse pessoal ou envolvimento do aluno.

3.5. COMO ADEQUAR AS ESTRATÉGIAS DE ENSINO À TIPOLOGIA DA TURMA

No processo de ensino-aprendizagem, vários são os factores que interferem nos resultados esperados, as estratégias de ensino utilizadas pelos docentes devem ser capazes de sensibilizar/motivar e envolver os alunos no trabalho, deixando claro o papel que lhe cabe.

A capacidade do professor em identificar essas diferenças e escolher os processos de ensino que melhor se adaptem às características dos alunos que estão à sua frente, considerando as características dos conteúdos em discussão e tornando mais bem-sucedida a sua função.

A escolha adequada das estratégias de ensino aprendizagem tem um importante papel no processo ensino-aprendizagem sendo necessário, portanto, considerar além do

conteúdo a ser ministrado, o conjunto de experiências de vida do aluno e variáveis ambientais ligadas às características da escola, do curso e da turma.

No entanto, o processo de ensino aprendizagem contém uma série de limitações, como sendo os objectivos que devem ser atingidos, o tempo que é atribuído a cada unidade, tudo questões que não permitem a utilização de um número muito variado de estratégias por unidade lectiva, nomeadamente quando se trata de uma turma como é o caso da que foi estudada, que por se tratar de uma turma de ensino secundário regular, o professor tem a condicionante de tempo para cumprimento do programa da disciplina, pré-estabelecido pelo Ministério da Educação, tendo em conta o exame nacional que os alunos têm à disciplina de Economia A, no 11ºano.

Neste estudo, durante a leccionação das aulas foram utilizadas as estratégias que se consideraram possíveis e adequadas ao público com que a autora se deparou, mas muitas mais existiam para se poder recorrer, no entanto não seria possível aplicá-las a uma turma de dimensão reduzida, como é o caso.

Verificamos esta situação com o que sugere o quadro seguinte:

ADEQUAÇÃO DAS ESTRATÉGIAS DE ENSINO PROPOSTAS		
<i>Estratégias de Ensino</i>	<i>Descrição da Estratégia</i>	<i>Adequação da estratégia</i>
<i>Aula expositiva dialogada</i>	<i>É uma exposição do conteúdo, com a participação activa dos estudantes, cujo conhecimento prévio deve ser considerado e pode ser tomado como ponto de partida. O professor leva os estudantes a questionarem, interpretarem e discutirem o objecto de estudo, a partir do reconhecimento e do confronto com a realidade.</i>	Estratégia mais utilizada tendo em conta a sua adequação a qualquer público.
<i>Estudo de texto</i>	<i>É a exploração de ideias de um autor a partir do estudo crítico de um texto e/ou a busca de informações e exploração de ideias dos autores estudados.</i>	Pouco utilizada em temas complexos da Economia, mas por vezes adequado à análise de notícias de jornal/revista.
<i>Portfólio</i>	<i>É a identificação e a construção de registo, análise, selecção e reflexão das produções mais significativas ou identificação dos maiores desafios/dificuldades em relação ao objecto de estudo, assim como das formas encontradas para superação.</i>	Bastante utilizado para um acompanhamento mais permanente, ou seja, normalmente é um trabalho que vai sendo elaborado ao longo do ano lectivo.
<i>Tempestade</i>	<i>É uma possibilidade de estimular a geração de novas ideias de forma</i>	Numa turma de reduzida dimensão

<i>cerebral</i>	<i>espontânea e natural, deixando funcionar a imaginação. -Não há certo ou errado. Tudo o que for levantado será considerado, solicitando-se, se necessário, uma explicação posterior do aluno.</i>	o contributo é bastante reduzido.
<i>Mapa conceptual</i>	<i>Consiste na construção de um diagrama que indica a relação de conceitos numa perspectiva bidimensional, procurando mostrar as relações hierárquicas entre os conceitos pertinentes à estrutura do conteúdo.</i>	Utilizável facilmente em unidades temáticas iniciais, pois introduzem-se bastantes conceitos.
<i>Estudo dirigido</i>	<i>É o acto de estudar sob a orientação do professor, visando sanar dificuldades específicas. É preciso ter claro: o que é a sessão, para quê e como é preparada. Permite ao aluno situar-se criticamente, extrapolar o texto para a realidade vivida, compreender e interpretar os problemas propostos, sanar dificuldades de entendimento e propor alternativas de solução; Exercita no aluno a habilidade de escrever o que foi lido e Interpretá-lo; Prática dinâmica, criativa e crítica da leitura.</i>	Estratégia bastante utilizada em turmas de pequena dimensão uma vez que permite um acompanhamento personalizado a todos os alunos por serem poucos.
<i>Lista de discussão por meios informatizados</i>	<i>É a oportunidade de um grupo de pessoas poder debater, à distância, um tema sobre o qual sejam especialistas ou tenham realizado um estudo prévio, ou queiram aprofundá-lo por meio electrónico.</i>	Numa turma de reduzida dimensão o contributo é bastante reduzido.
<i>Solução de problemas</i>	<i>É o enfrentar de uma situação nova, exigindo pensamento reflexivo, crítico e criativo a partir dos dados expressos na descrição do problema;</i>	Utilizável em unidades temáticas que contenham conteúdos mais

	<i>demanda a aplicação de princípios, leis que podem ou não ser expressas em fórmulas matemáticas.</i>	“matemáticos”, como por exemplo, a Contabilidade Nacional.
Philips 66	<i>É uma actividade de grupo em que são feitas uma análise e uma discussão sobre temas / problemas do contexto dos estudantes. Pode também ser útil para obtenção de informação rápida sobre interesses, problemas, sugestões e perguntas.</i>	Numa turma de reduzida dimensão o contributo é bastante reduzido.
Grupo de verbalização e de observação (GO/GV)	<i>É a análise de tema/problemas sob a coordenação do professor, que divide os estudantes em dois grupos: um de verbalização (GV) e outro de observação (GO). É uma estratégia aplicada com sucesso ao longo do processo de construção do conhecimento e requer leituras, estudos preliminares, enfim, um contacto inicial com o tema.</i>	Numa turma de reduzida dimensão, dividir a turma em dois grupos é fazer com que o contributo seja bastante reduzido.
Dramatização	<i>É uma apresentação teatral, a partir de um foco, problema, tema etc. Pode conter explicitação de ideias, conceitos, argumentos e ser também uma forma particular de estudo de casos, já que a teatralização de um problema ou situação perante os estudantes equivale a apresentar-lhes um caso de relações humanas.</i>	Não é uma estratégia que se adequa a qualquer unidade temática, de certo não se adequa àquela que foi leccionada.
Seminário	<i>É um espaço em que as ideias devem germinar ou ser semeadas. Portanto, espaço, onde um grupo discuta ou debata temas ou problemas que são colocados em discussão.</i>	Numa turma de reduzida dimensão o contributo é bastante reduzido.
Estudo de caso	<i>É a análise minuciosa e objectiva de uma situação real que necessita</i>	Estratégia bastante utilizada em

	<i>ser investigada e é desafiadora para os envolvidos.</i>	turmas de pequena dimensão uma vez que permite uma partilha interessante e de todos os elementos da turma.
<i>Simulações</i>	<i>É uma simulação de um júri em que, a partir de um problema, são apresentados argumentos de defesa e de acusação. Pode levar o grupo à análise e avaliação de um facto proposto com objectividade e realismo, à crítica construtiva de uma situação e à dinamização do grupo para estudar profundamente um tema real.</i>	Numa turma reduzida é difícil aplicar actividades desta dimensão.
<i>Simpósio</i>	<i>É a reunião de palestras e breves apresentações por várias pessoas (duas a cinco) sobre um assunto ou sobre diversos aspectos de um assunto. Possibilita o desenvolvimento de habilidades sociais, de investigação, amplia experiências sobre um conteúdo específico, desenvolve habilidades de estabelecer relações.</i>	Numa turma reduzida é difícil aplicar actividades desta dimensão.
<i>Painel</i>	<i>É a discussão informal de um grupo de estudantes, indicados pelo professor (que já estudaram a matéria em análise, interessados ou afectados pelo problema em questão), em que apresentam pontos de vista antagónicos na presença de outros. Podem ser convidados estudantes de outras fases, cursos ou mesmo especialistas na área.</i>	Numa turma de reduzida dimensão o contributo é bastante reduzido.

<p>Fórum</p>	<p><i>Consiste num espaço do tipo “reunião”, no qual todos os membros do grupo têm a oportunidade de participar do debate de um tema ou problema determinado.</i></p> <p><i>Pode ser utilizado após a apresentação teatral, palestra, projecção de um filme, para discutir um livro que tenha sido lido pelo grupo, um problema ou fato histórico, um artigo de jornal, uma visita ou uma excursão.</i></p>	<p>Numa turma de reduzida dimensão o contributo é bastante reduzido, no entanto aproxima-se desta estratégia a partilha que se faz numa turma, como a que está em estudo, depois do visionamento de slides.</p>
<p>Palestras</p>	<p><i>Possibilidade de discussão com a pessoa externa ao ambiente universitário sobre um assunto de interesse colectivo, de acordo com um novo enfoque; Discussão, perguntas, levantamento de dados, aplicação do tema na prática, partindo da realidade do orador.</i></p>	<p>Numa turma reduzida e com a leccionação de apenas três aulas, é difícil aplicar actividades desta dimensão.</p>
<p>Oficina (laboratório ou workshop)</p>	<p><i>É a reunião de um pequeno número de pessoas com interesses comuns, a fim de estudar e trabalhar para o conhecimento ou aprofundamento de um tema, sob orientação de um especialista. Possibilita o aprender a fazer melhor algo, mediante a aplicação de conceitos e conhecimentos previamente adquiridos.</i></p>	<p>Numa turma de reduzida dimensão o contributo é bastante reduzido.</p>
<p>Estudo do meio</p>	<p><i>É um estudo directo do contexto natural e social no qual o estudante se insere, visando a uma determinada problemática de forma interdisciplinar. Cria condições para o contacto com a realidade, propicia a aquisição de conhecimentos de forma directa, por meio da</i></p>	<p>Numa turma reduzida e com a leccionação de apenas três aulas, é difícil aplicar actividades desta dimensão.</p>

	<i>experiência vivida.</i>	
Trabalho de pesquisa	<i>É a utilização dos princípios do ensino associados aos da pesquisa: Concepção de conhecimento e ciência em que a dúvida e a crítica sejam elementos fundamentais; assumir o estudo como situação construtiva e significativa, com concentração e autonomia crescente; fazer a passagem da simples reprodução para um equilíbrio entre reprodução e análise.</i>	Estratégia bastante utilizada em turmas de pequena dimensão uma vez que permite uma partilha interessante e de todos os elementos da turma.
Jogos	<i>Os alunos tornam-se agentes do processo; São desenvolvidas habilidades na tomada de decisões no nível administrativo, vivenciando-se acções interligadas em ambientes de incerteza; Permite a tomada de decisões estratégicas e táticas na gestão dos recursos da empresa, sejam eles materiais ou humanos;</i>	Estratégia bastante utilizada em turmas de pequena dimensão uma vez que permite uma partilha interessante e de todos os elementos da turma.
Estudo individualizado	<i>O ensino individualizado é a estratégia que procura ajustar o processo de ensino aprendizagem às reais necessidades e características do discente.</i>	Estratégia bastante utilizada em turmas de pequena dimensão uma vez que permite um acompanhamento personalizado a todos os alunos por serem poucos.

Quadro 3 - Adequação das estratégias de ensino propostas.

[Quadro elaborado com base em Anastasiou e Alves (2004); Marion e Marion (2006); Petrucci e Batiston (2006)].

III – CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da minha formação fui assimilando conceitos, dicas e ideias que precisavam de ser colocadas em prática. Tinha agora, durante a prática lectiva, a oportunidade de o fazer.

Ao longo desta etapa pude recolher informações importantes que me ajudaram a compreender melhor todo o ambiente educativo e, particularmente, o grupo de alunos, factor essencial ao desenvolvimento de qualquer estágio profissional no âmbito da formação de professores.

Após esta fase foi, então, necessário compreender o meu papel e função na escola cooperante. A planificação das aulas seria à partida algo que obrigatoriamente deveria fazer parte das minhas funções, mas para tal foi necessário saber como seriam estas realizadas. Esta foi uma fase marcada essencialmente pela aquisição de conhecimento e de idealização das tarefas a serem colocadas em prática ao longo das aulas que iria leccionar.

Nas planificações das aulas, tentou-se sempre criar um espaço que fosse adequado às características dos alunos tendo em conta os conteúdos a abordar, mas promovendo formatos de actividades que estimulassem os alunos e que os mantivessem motivados para a progressão e interesse pela disciplina, e nomeadamente pelo tema da unidade. Para tal, tentaram-se criar propostas de trabalho diversificadas e que ao mesmo tempo de forma a que os alunos se identificassem com elas.

Tinha à partida muitas ideias que foram sido desenvolvidas ao longo das aulas teóricas na instituição de formação, mas que careciam de um estágio mais longo para serem colocadas em prática.

A investigação aqui apresentada pretendia dar resposta à questão: *“Quais as estratégias de ensino-aprendizagem mais adequadas numa turma reduzida?”* permitindo compreender as estratégias de ensino-aprendizagem mais significativas a

partir das perspectivas dos alunos que compõem uma turma de pequena dimensão, como são os sujeitos do estudo.

As ideias e teorias que fundamentam este estudo foram convincentes e claras: quanto menor a dimensão da turma, melhores condições tem o professor para se dedicar e acompanhar individualmente os seus alunos, flexibilizando suas estratégias de acordo com as necessidades individuais e ampliando, dessa forma, o leque de possibilidades e oportunidades educacionais fornecidas aos alunos.

Tratando-se de um estudo de caso, os seus resultados passam por constatar-se que existem limitações substanciais à utilização de outro tipo de estratégias que não as que foram utilizadas pela autora na sua intervenção.

As limitações passam substancialmente por duas questões: a contribuição mais enriquecida, pelos alunos, do conhecimento partilhado em aula, ou seja, o trabalho em grupo é limitado à formação de pares para que seja mais enriquecido o contributo para o grande grupo (turma); a necessidade de utilizar um ensino mais individualizado, ou seja, numa turma reduzida os alunos esperam uma atenção diferente por parte do professor, uma atenção e dedicação individualizada, que exige do professor a utilização de estratégias muito dirigidas ao(à) aluno(a) em causa.

Face a esta constatação importa repensar se o número de alunos por turma imposto pelo Ministério da Educação não será exagerado, e se a utilização de turmas mais reduzidas não significará, por ventura, uma melhoria substancial da qualidade no ensino público português, tema que seria interessante estudar em investigações futuras.

Por fim, é de salientar que, com a realização deste estágio, fácil foi constatar que todos nós temos que aprender; mesmo a pessoa mais experiente numa determinada área pode aprender e aqui isso não foi exceção. Todos os dias podem surgir situações novas e temos de estar constantemente alerta para poder retirar daí as melhores conclusões.

IV – REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ✎ AFONSO, N. (2005), *Investigação naturalista em educação*, Um guia prático e crítico; Porto: Edições Asa.
- ✎ ARENDS, R. (1995), *Aprender a ensinar*; Lisboa: MacGraw-Hill.
- ✎ AZEVEDO, J. (2000), *O ensino secundário na Europa*; Porto: Edições Asa.
- ✎ BOGDAN, R. & BIKLEN, S. (1991), *Investigação qualitativa em educação, Uma Introdução à teoria e aos métodos*; Porto: Porto Editora.
- ✎ ELIAS, F. (2008), *A Escola e o Desenvolvimento Profissional dos Docentes*; Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.
- ✎ ESTRELA, A. (1994), *Teoria e Prática de Observação de Classes – Uma Estratégia de Formação de Professores*; Porto: Porto Editora.
- ✎ FONT, Carles Monereo (2007), *Estratégias de Ensino e Aprendizagem, Coleção Práticas Pedagógicas*; Porto: Edições ASA.
- ✎ NÓVOA, A. (1995), *Profissão Professor*, Porto: Porto Editora.
- ✎ PAIS, Maria João; OLIVEIRA, Maria da Luz; GÓIS, Maria Manuela; CABRITO, Belmiro Gil (2008), *Economia A*, Lisboa: Texto Editores.
- ✎ PERRENOUD, P. (1997), *Construir as competências desde a escola*; São Paulo: Artmed Editora;
- ✎ PERRENOUD, P. (2000), *10 Novas Competências para Ensinar*; São Paulo: Artmed Editora;
- ✎ PETRUCCI, Valéria Bezerra Cavalcanti; BATISTON, Renato Reis (2006), *Estratégias de ensino e avaliação de aprendizagem em contabilidade*, São Paulo: Edições Saraiva.
- ✎ PONTE, J. P. (2005). *Gestão curricular em Matemática. In Grupo de Trabalho de Investigação. O professor e o desenvolvimento curricular*. Lisboa: Associação de Professores de Matemática.
- ✎ ROLDÃO, Maria do Céu (2003), *Gestão do Currículo e Avaliação de Competências*; Lisboa: Editora Presença.
- ✎ ROLDÃO, Maria do Céu (2009), *ESTRATÉGIAS DE ENSINO - O saber e o agir do professor*; Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão.

- ✎ VEIGA SIMÃO, A. M. (2002), *Aprendizagem Estratégica – Uma aposta na auto-regulação*; Lisboa: Edições Ministério da Educação.
- ✎ VIEIRA, R. M.; VIEIRA, C. (2005), *Estratégias de Ensino/Aprendizagem*; Lisboa: Divisão Editorial Instituto Piaget.
- ✎ ZABALZA, M. A. (1994), *Diários de Aula*; Porto: Porto Editora.

V – ANEXOS

Segue a listagem dos anexos que se encontram disponíveis em CD.

Anexo 1 – Estrutura organizativa da escola
Anexo 2 – Ficha de identificação da Turma
Anexo 3 – Questionário aos alunos
Anexo 4 – Planificação da Unidade
Anexo 5 – Diário de Campo
Anexo 6 – Matriz do Teste Sumativo, Teste Sumativo e Critérios de Correção do Teste Sumativo
Anexo 7 – Grelha de Resultados do Teste Sumativo
Anexo 8 – Planificação da 1ª Aula
Anexo 9 – Filme: “Desigualdades Sociais”
Anexo 10 – Diapositivos apresentados na 1ª Aula
Anexo 11 – Esquema do Jogo da Memória de Conceitos
Anexo 12 – Planificação da 2ª Aula
Anexo 13 – Ficha de Trabalho da 2ª Aula
Anexo 14 - Despacho nº. 2517/A de 2011
Anexo 15 – Guião do Trabalho de Pesquisa
Anexo 16 – Planificação da 3ª Aula
Anexo 17 – Trabalhos dos alunos – apresentações gráficas
Anexo 18 – Diapositivos apresentados na 3ª Aula
Anexo 19 – Ficha Formativa

ESTRUTURA ORGANIZATIVA DA ESCOLA SECUNDÁRIA JOSEFA DE ÓBIDOS

Conselho Geral

Luís Máximo	Encarregado de Educação / Presidente do C.Geral
Ana Mendes Almeida	Câmara Municipal de Lisboa
João Nuno Ferro	Presidente da junta de Freguesia da Lapa
João de Magalhães Pereira	Presidente da Junta de Freguesia dos Prazeres
António Ponces de Carvalho	Escola Superior João de Deus
Ana Paula Garanito	Professora do 3º ciclo / Secundário
Maria João Pais	Professora do Ens. Secundário
Anabela Perez	Professora do 2º ciclo / 3º ciclo
Fernando Peyroteo	Professor Ens. Secundário
Maria Helena Santos	Professora do 2º ciclo
Mafalda Ribeiro	Professora do 1º ciclo
Jorge Ferreira	Professor do 1º ciclo
Maria Emília Graça	Educadora de infância
Salomé Gonçalves	Pessoal não docente
Maria de Jesus Antunes	Pessoal não docente
Ana Maria Santos Graça	Encarregada de Educação - 1º ciclo
Alexandra Borges de Sousa	Encarregada de Educação - 2º ciclo
Ana Maria Santos Ferreira	Encarregada de Educação - 3º ciclo

Direcção

Jorge Nascimento	Director do Agrupamento
Francisco Lopes	Subdirector
Ana Cristina Ângelo	Directora Adjunta
Gracinda Gonçalves	Directora Adjunta
Cláudia Calado	Directora Adjunta

Coordenadores de Estabelecimento

Maria Isabel Mendes	Escola do 1º ciclo e JI Engº Ressano Garcia
Maria Afonso Azevedo	Escola n.º 72
Maria Antónia Castro	Escola do 1º ciclo e JI Rainha Santa Isabel
Maria José Pereira	Escola n.º 18

Conselho Pedagógico

Jorge Nascimento	Presidente do Conselho Pedagógico
Margarida Falcão	Departamento de Línguas
Ermelinda Fernandes	Departamento de Ciências Sociais e Humanas
Isabel Fevereiro	Departamento de Matemática e Ciências Experim.
Fernando Ferreira	Departamento de Expressões
Maria Piedade Barreto	Departamento de Pré-Escolar
Lucinda Costa	Departamento do 1º ciclo
Maria Isabel Mendes	Coordenadora Conselho Pré-Escolar e 1º ciclo
Leonilde Henriques	Coordenadora Conselho 2º ciclo
Cristiana Almeida	Coordenadora Conselho 3º ciclo
Madalena Dine	Coordenadora Conselho Secundário
Rui Ferreira	Coordenador Equipa Interdisciplinar
Luísa Fernandes	Coordenadora da Equipa das Novas Oportunidades

FICHA DA TURMA

Designação da Escola: Secundária Josefa de Óbidos

Designação da Turma de Ensino: Secundário Ano: 10 Turma: C

1. A TURMA NA ESCOLA (SITUAÇÃO ACTUAL)

1.1. Ensino regular

Ensino especial

Ensino em situação de apoio

1.2. Ensino diurno

Manhã

Tarde

Manhã e Tarde

1.3. Horário da Turma

1.8. Antecedentes da turma

“Em continuidade”

>50% Designação da classe de precedência _____

<50%

De diferentes origens

Por razões de :

Mudança de ciclo

Mudança de opção

Repetência

Outras Quais? _____

1.9. Observações

Turma com 8 alunos de ensino regular.

Modelo adaptado de: ESTRELA, A. (1994), Teoria e Prática de Observação de Classes – Uma Estratégia de Formação de Professores; Porto: Porto Editora.

Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos

Curso _____

Disciplina: _____ Ano: _____ Turma: _____

Nome do Aluno _____ Idade _____ N.º _____

Tem computador portátil? _____ Tem acesso móvel à Internet? _____ E-mail _____

DADOS FAMILIARES

Com quem vive: _____

Nome do Pai: _____ Profissão: _____

Nome da Mãe: _____ Profissão: _____

Encarregado de Educação: _____ Parentesco: _____ Profissão: _____

Número de irmãos _____ Idades _____ Localidade _____

QUESTIONÁRIO

Porque razão escolheu este curso?

Tenciona ir para a faculdade? Porquê?

No futuro o que ambiciona ser/fazer?

Qual a sua opinião acerca desta disciplina?

Quais as suas disciplinas preferidas?

Em que disciplinas tem mais dificuldades?

Mencione algo que o/a faça feliz

Mencione algo que o/a faça menos feliz

Indique algo que o/a preocupe

Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos
Ciências Socioeconómicas

Curso Ciências Socioeconómicas Ano: 10^º Turma: C
Disciplina: Económica

Nome do Aluno Catarina Idade 15 N.º 1
Tem computador portátil? não Tem acesso móvel à Internet? não E-mail Catarina@net.sccip.pt

DADOS FAMILIARES

Com quem vive: Mãe Profissão: GNR
Nome do Pai: Luís Filipe da Veiga Oliveira Profissão: Empregada doméstica
Nome da Mãe: Elisabete Barbosa Profissão: Mãe
Encarregado de Educação: Elisabete Barbosa Parentesco: Mãe Profissão: Empregada doméstica
Número de irmãos 1 Idades 6 Localidade Almodora

QUESTIONÁRIO

Porque razão escolheu este curso?

Escolhi este curso porque tenho curiosidade no curso de economia e quero seguir a área de gestão.

Tenciona ir para a faculdade? Porque?

Sim, ~~estaria~~ falar o curso de gestão. Acho importante termos uma licenciatura e talvez o mestrado.

No futuro o que ambiciona ser/fazer?

Gostava de ~~ser~~ ser gestora, ~~em~~ trabalhar nessa área.

Qual a sua opinião acerca desta disciplina?

É interessante.

Quais as suas disciplinas preferidas?

Economia e Matemática.

Em que disciplinas tem mais dificuldades?

Inglês

Mencione algo que o/a faça feliz

Estar com os amigos, divertir-me.

Mencione algo que o/a faça menos feliz

Férias passadas.

Indique algo que o/a preocupe

As médias até à paridade.

Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos

Curso Ciência dos Recursos

Disciplina: Exercícios

Ano: 10º Turma: C

Nome do Aluno Diana

Idade 16 N.º 2

Tem computador portátil? Sim Tem acesso móvel à Internet? Sim

E-mail Diana@escola2obidos.com

DADOS FAMILIARES

Com quem vive: Pai, Mãe

Nome do Pai: Henrique Sequeira

Profissão: Prof. de Ing.

Nome da Mãe: Inês Alvim

Profissão: Prof. de Ing.

Encarregado de Educação: Mãe

Parentesco Mãe

Profissão: Prof. de Ing.

Número de irmãos 0 Idades 0

Localidade Lição

QUESTIONÁRIO

Porque razão escolheu este curso?

~~Porque se trata de uma disciplina que me interessa~~
foi a minha 2ª escolha

Tenciona ir para a faculdade? Porque?

Sim

No futuro o que ambiciona ser/fazer?

Seguir o ramo de Hotelaria

Qual a sua opinião acerca desta disciplina?

Eu gosto pois é uma disciplina interessante

Quais as suas disciplinas preferidas?

EDF / FIL

Em que disciplinas tem mais dificuldades?

LP e Matemática

Mencione algo que o/a faça feliz

Estar com os amigos

Mencione algo que o/a faça menos feliz

Estar sozinho

Indique algo que o/a preocupe

Se a minha família estivesse

Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos

Curso Ciências - Sociocientíficas

Disciplina: Economia

Ano: 10^o Turma: C

Nome do Aluno João Idade 15 N.º 3
Tem computador portátil? Sim Tem acesso móvel à Internet? Sim E-mail joao.pacheco@escoladobordado.com

DADOS FAMILIARES

Com quem vive: Pai e Mãe Profissão: Agricultor
Nome do Pai: Miguel Pacheco Profissão: Doméstica
Nome da Mãe: Carolina Pacheco Parentesco: Mãe Profissão: Doméstica
Encarregado de Educação: Carolina Pacheco Localidade: Uzuba
Número de irmãos 0 Idades _____

QUESTIONÁRIO

Porque razão escolheu este curso?

Porque no que eu quero ser esta área ancora melhor.

Tenciona ir para a faculdade? Porque?

A Depende, ainda não pensei bem nisso

No futuro o que ambiciona ser/fazer?

Empregada bancária

Qual a sua opinião acerca desta disciplina?

É interessante e vai ajudar naquilo que eu quero ser

Quais as suas disciplinas preferidas?

Economia e ~~Matemática~~

Em que disciplinas tem mais dificuldades?

Ínglis e Geografia e Matemática

Mencione algo que o/a faça feliz

Estar bem com a família e com os amigos.

Mencione algo que o/a faça menos feliz

Quando tiro uma nota baixa, apesar de ter estudado e comido bem.

Indique algo que o/a preocupe

As notas por causa da média no ano.

Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos

Curso ciências socioeconómicas
Disciplina: Economia

Ano: 10º Turma: C

Nome do Aluno Isabel Idade 15 N.º 4
Tem computador portátil? sim Tem acesso móvel à Internet? sim E-mail isabel.m.g.oueira@normali.com

DADOS FAMILIARES

Com quem vive: mãe avô Emprego de profissão
Nome do Pai: Paulo Costa Profissão: construtor civil
Nome da Mãe: Mª Helena Oliveira Profissão: empregada de escritório
Encarregado de Educação: Mª Helena Oliveira Parentesco mãe Profissão: empregada de escritório
Número de irmãos 1 Idades 10 Localidade listera

QUESTIONÁRIO

Porque razão escolheu este curso?

Porque tem saída para gestão e eu estava indecisa entre as
ciências e tecnologias, ~~estava~~ o grau de dificuldade é
menor

Tencionas ir para a faculdade? Porque?

Sim, porque assim o meu currículo fica mais cheio e a
probabilidade de arranjar emprego é maior

No futuro o que ambiciona ser/fazer?

Gestora de trabalhar num banco ou ser gestora, mas ainda
não sei.

Qual a sua opinião acerca desta disciplina?

É importante, pois percebemos a realidade em que vivemos e
podemos compreender alguns fatores desta disciplina que é
muito importante no mundo.

Quais as suas disciplinas preferidas?

Economia e Português

Em que disciplinas tem mais dificuldades?

Português e Matemática (se o tempo)

Mencione algo que o/a faça feliz

Família e amigos
cinemas e música

Mencione algo que o/a preocupe

A crise económica

Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos

Curso Ciências Socio - económicas

Disciplina: Economia

Ano: 10º Turma: C

Nome do Aluno

Patrícia

Idade 15 N.º 6

Tem computador portátil? Sim Tem acesso móvel à Internet? não

E-mail

marisa-assuncao@hotmail.com

DADOS FAMILIARES

Com quem vive: mãe, pai e irmã

Nome do Pai: paol Olavo de Assunção

Profissão: Empresário

Nome da Mãe: Teófilo Teresa P.C.C.N.C.S.C. Assunção

Profissão: Professora

Encarregado de Educação: Teófilo Teresa Assunção

Parentesco mãe Profissão: Professora

Número de irmãos 1 Idades 22 Localidade Lisboa

QUESTIONÁRIO

Porque razão escolheu este curso?

Porque gosto da disciplina de economia.

Tenciona ir para a faculdade? Porque?

Sim, tenciono, porque acho importante fazermos a licenciatura e o mestrado.

No futuro o que ambiciona ser/fazer?

Trabalhar seguir gestão.

Qual a sua opinião acerca desta disciplina?

É uma disciplina muito importante.

Quais as suas disciplinas preferidas?

Português, Matemática

Em que disciplinas tem mais dificuldades?

Matemática e Inglês

Mencione algo que o/a faça feliz

Família e amigos

Mencione algo que o/a faça menos feliz

Seguimento

Indique algo que o/a preocupe

Ter uma média alta.

Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos

Curso Ciências socio-económicas

Disciplina: Economia

Ano: 10 Turma: C

Nome do Aluno Maeta

Idade 14 N.º 7

Tem computador portátil? Sim

Tem acesso móvel à Internet? Sim

E-mail

maeta.papa@hbtma105

DADOS FAMILIARES

Com quem vive: Pai, mãe e irmã

Nome do Pai: Júlio Inácio Conceição

Profissão: Bate-chapa

Nome da Mãe: Nezida Felina Sousa Ribeiro Conceição

Profissão: Ass. técnica principal

Encarregado de Educação: Nezida Felina Conceição Parentesco Mãe

Profissão: Ass. técnica Principal

Número de irmãos 1 Idades 17 Localidade Lisboa.

QUESTIONÁRIO

Porque razão escolheu este curso?

Porque é a área que quero seguir e é muito ~~interessante~~ interessante.

Tenciona ir para a faculdade? Porquê?

Sim, para obter mais estudos

No futuro o que ambiciona ser/fazer?

Banqueira

Qual a sua opinião acerca desta disciplina?

Acho muito interessante e tem muito para aprender acerca da disciplina.

Quais as suas disciplinas preferidas?

Economia

Em que disciplinas tem mais dificuldades?

Inglês

Mencione algo que o/a faça feliz

A minha família

Mencione algo que o/a faça menos feliz

A crise em que o País está.

Indique algo que o/a preocupe

A crise do País

Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos

Curso Ciências Sociais - Económicas

Disciplina: Economia Ano: 10^o Turma: C

Nome do Aluno Sofia Idade 15 N.º 2

Tem computador portátil? Tem acesso móvel à Internet? E-mail pestsofia2a@hotmail.com

DADOS FAMILIARES

Com quem vive: Pai, Mãe, Irmão

Nome do Pai: José Pestana Profissão: empresário (pai)

Nome da Mãe: Carla Pestana Profissão: secretária administrativa

Encarregado de Educação: Carla Pestana Parentesco: mãe Profissão: secretária administrativa

Número de irmãos 1 Idades 10 Localidade Santa Várzea do Paival em Lourenço

QUESTIONÁRIO

Porque razão escolheu este curso?

Porque gosto e porque vai-me ajudar no meu emprego futuro.

Tenciona ir para a faculdade? Porquê?

Sim, para ter melhores habilitações académicas e um futuro melhor.

No futuro o que ambiciona ser/fazer?

Tou indecisa em gestora ou sr para publicidade e marketing.

Qual a sua opinião acerca desta disciplina?

É uma boa disciplina.

Quais as suas disciplinas preferidas?

Economia e Português.

Em que disciplinas tem mais dificuldades?

Matemática.

Mencione algo que o/a faça feliz

Ter a família e amigos todos vivos sem contusões.

Mencione algo que o/a faça menos feliz

Pessoas falsas.

Indique algo que o/a preocupe

Ter boas médias para sr para a faculdade.

DISCIPLINA : Economia A

Ano: 10º Turma: B

PLANIFICAÇÃO DA UNIDADE 6 – RENDIMENTOS E REPARTIÇÃO DOS RENDIMENTOS

PROFESSORA: Dária Andrade/Ana Flávia Martins

CONTEÚDOS	TEMPO	OBJECTIVOS	RECURSOS EDUCATIVOS	AVALIAÇÃO
UNIDADE 6 RENDIMENTOS E REPARTIÇÃO DOS RENDIMENTOS	8 tempos de 90 minutos	OBJECTIVOS GERAIS		Competências Transversais (30%)
6.1.A Actividade Produtiva e a Formação de Rendimentos	1ª 11.03.2011	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Conhecer o processo de formação dos rendimentos ✓ Analisar as diferentes formas da repartição dos rendimentos ✓ Compreender os mecanismos de redistribuição dos rendimentos ✓ Analisar as desigualdades na repartição dos rendimentos 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Manual adoptado: PAIS, Maria João; OLIVEIRA, Maria da Luz; GÓIS, Maria Manuela; CABRITO, Belmiro Gil, (2008). <i>Economia A</i>, Texto Editores, Lisboa. 	<p>Instrumentos:</p> <p>Grelha de observação</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Assiduidade ✓ Pontualidade ✓ Interesse e atitude perante o trabalho ✓ Comportamento ✓ Postura na sala de aula ✓ Domínio escrito e oral da língua portuguesa
6.2.A Repartição Funcional dos Rendimentos 6.2.1 Noção de repartição funcional dos rendimentos 6.2.2 A remuneração dos factores produtivos – rendimentos primários	2ª 15.03.2011	<p>OBJECTIVOS ESPECÍFICOS</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Relacionar a Actividade Produtiva com a formação dos Rendimentos ✓ Explicar o fenómeno da Repartição dos Rendimentos e descrever o seu processo: Repartição Funcional do R. ✓ Definir Salário ✓ Caracterizar as formas de remuneração do capital ✓ Distinguir Repartição Pessoal de Repartição Funcional do Rendimento ✓ Verificar as desigualdades da Repartição Pessoal do Rendimento 	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Quadro ✓ Giz de várias cores e apagador ✓ Jornais e revistas ✓ Máquina de calcular ✓ Retroprojector ✓ Jogos ✓ Fichas de trabalho ✓ Teste 	
6.3.A Repartição Pessoal dos Rendimentos 6.3.1 Noção de repartição pessoal dos rendimentos 6.3.2 Salário nominal e salário real 6.3.3. O leque salarial 6.3.4. O rendimento <i>per capita</i> 6.3.5 As curvas de Lorenz	3ª 16.03.2011	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Justificar as desigualdades de salários ✓ Distinguir Salário Nominal de Real ✓ Explicar o significado do Leque Salarial, como indicador da desigualdade dos salários ✓ Interpretar as curvas de Lorenz e identificar as suas limitações ✓ Explicar as limitações do Rendimento <i>Per Capita</i> como indicador da Repartição Pessoal dos Rendimentos 		
6.4.A Redistribuição dos Rendimentos 6.4.1. Noção de redistribuição dos rendimentos 6.4.2. Políticas do Estados na redistribuição dos rendimentos 6.4.3. O rendimento disponível dos particulares	4ª 18.03.2011 5ª 22.03.2011	<ul style="list-style-type: none"> ✓ Explicar em que consiste a Redistribuição dos Rendimentos ✓ Distinguir Impostos Directos de Indirectos ✓ Dar exemplos de Impostos Directos e Indirectos ✓ Explicar o papel do Estado na Redistribuição dos Rendimentos ✓ Referir as componentes do Rendimento Pessoal Disponível ✓ Verificar a evolução da Repartição dos Rendimentos em Portugal ✓ Comparar a evolução da Repartição dos Rendimentos e as desigualdades dessa repartição em Portugal com a dos restantes países da União Europeia. 		
6.5.As desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia 6.5.1. Algumas situações de desigualdades na repartição dos rendimentos nos países da União Europeia	6ª 23.03.2011 7ª 25.03.2011 <i>Revisões</i> 8ª 29.03.2011 <i>Teste</i>			<p>Competências Específicas (70%)</p> <p>Instrumentos:</p> <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ficha de avaliação sumativa ✓ Fichas de trabalho ✓ Trabalho a grupo / pares / individual ✓ Actividades ocasionais de realização pertinente

**PRÁTICAS PROFISSIONAIS DE
PLANIFICAÇÃO E ENSINO**

ESCOLA SECUNDÁRIA JOSEFA DE ÓBIDOS - LISBOA

ORIENTADOR: PROFESSOR DOUTOR BELMIRO CABRITO

CO-ORIENTADORA: DOUTORA MARIA JOÃO PAIS

DISCENTE: ANA FLÁVIA MARTINS



Mestrado em Ensino de Economia e Contabilidade
Disciplina de Iniciação à Prática Profissional III



Diário de Campo

Data : 29 de Março de 2011	Hora: 09h00m às 10h30m (90 minutos)
Objecto de Observação: Leccionação de Aula	Campo de Observação: Escola Secundária Josefa de Óbidos - Lisboa
Sumário: A Redistribuição dos Rendimentos e as Políticas do Estado.	
Desenvolvimento da aula: <ul style="list-style-type: none">✓ Início da aula à hora prevista;✓ Apresentação e enquadramento do tema com as aulas anteriores;✓ Sensibilização para o tema de aula através de um filme sobre desigualdades sociais;✓ Explicar em que consiste a Redistribuição dos Rendimentos;✓ Identificar os objectivos principais da Redistribuição dos Rendimentos;	Reflexão: <p>Gostei bastante do ambiente de aula que se proporcionou, apesar de inicialmente me sentir um pouco nervosa e pouco à vontade, pois afinal era a primeira vez que leccionava àquela turma, foi “uma sensação igual ao primeiro dia do ano lectivo numa escola nova”.</p> <p>A estratégia inicial que foi utilizada tinha o intuito de sensibilizar os alunos para o tema de aula, criando impacto através de algumas imagens, ponto que considero essencial para o tema das desigualdades sociais e que foi conseguido com a turma em causa;</p> <p>O filme permitiu a partilha de sensações,</p>



- ✓ Apresentar as diferentes formas de Receitas do Estado;
- ✓ Expor os diferentes tipos de impostos directos;
- ✓ Expor os diferentes tipos de impostos indirectos;
- ✓ Apresentar gráfico representativo dos contribuintes;

ideias, opiniões; ou seja, conseguiu-se atingir o objectivo principal que foi a sensibilização para o tema de aula;

Recorrendo aos diapositivos que levei para suporte da aula, foi uma ajuda importante na dedução de determinados conceitos utilizados no dia-a-dia.

Os diapositivos foram um recurso utilizado como meio facilitador do acompanhamento do conteúdo a ser leccionado.

Foi nítido e os alunos fizeram questão de demonstrar a facilidade na interpretação de conceitos que são expostos através de esquema, pois tornava-se mais concreto do que a interpretação de pequenos excertos de texto;

A abordagem destes conceitos através de exemplos do quotidiano torna-se bastante fácil quando se trata de uma turma de pequena dimensão em que todos alternadamente conseguem dar o seu contributo, sente-se que a aula fica substancialmente mais rica;



- ✓ Expor a noção de Políticas Fiscais do Estado;
- ✓ Análise conjunta de dados orçamentais relativos às receitas e despesas fiscais;
- ✓ Expor a noção de Políticas Sociais do Estado;
- ✓ Análise conjunta de dados orçamentais relativos às receitas e despesas sociais;

- ✓ Síntese do que foi feito em aula através da aplicação de um jogo de memória de conceitos.

Ao apresentar um gráfico representativo das contribuições de particulares e empresas nos anos de 2005 a 2009, senti que não havia sido muito explícita e que os alunos não haviam alcançado o objectivo por completo, apenas consegui que ficassem com a noção concreta do impacto maior ou menor das contribuições nas receitas do Estado.

Foram abordadas as Políticas Fiscais e Sociais do Estado apresentadas por meio de documentos oficiais fornecidos pela Direcção Geral do Orçamento que permitiu a visualização de valores concretos facilitando a compreensão dos alunos do papel das políticas fiscais e sociais do Estado.

Foi muito rica a aplicação do jogo de memória de conceitos, permitiu consolidar e aplicar todos os conceitos adquiridos na aula, os alunos mostraram-se motivados e empenhados na realização deste jogo.



Data : 30 de Março de 2011	Hora:09h00m às 10h30m (90minutos)
Objecto de Observação: Leccionação de Aula	Campo de Observação: Escola Secundária Josefa de Óbidos – Lisboa
Sumário: O Rendimento Disponível dos Particulares. Trabalho de pesquisa sobre Desigualdades na Repartição dos Rendimentos em Portugal e na União Europeia .	
Desenvolvimento da aula: <ul style="list-style-type: none">✓ Apresentação e enquadramento do tema com as aulas anteriores;✓ Clarificar o sistema de progressividade dos impostos directos na Política Fiscal do Estado;✓ Aplicar o cálculo das taxas de IRS e Contribuições Sociais das famílias, com recurso às tabelas de retenção na fonte em sede de IRS;✓ Explicar em que consiste o Rendimento Disponível dos Particulares;✓ Apresentar as componentes do Rendimento Disponível dos Particulares;✓ Elaborar um trabalho de pesquisa na biblioteca sobre as Desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia, com base no	Reflexão: <p>A aula iniciou-se um pouco depois da hora prevista, tendo em conta o atraso dos alunos Diogo e Margarida, e uma vez que se trata de uma turma de pequena dimensão qualquer ausência, por mais pequena que seja é sentida como motivo de alteração de estratégias, assim tenta-se de alguma forma esperar pelos alunos todos para se iniciar a aula.</p> <p>Tendo em conta que a explicação que foi dada na aula anterior sobre os impostos directos e indirectos não atingiram por completo o objectivo pretendido, sentido necessidade de recorrer a uns exercícios de</p>



guião de pesquisa;

aplicação para clarificar o sistema de progressividade dos impostos directos, aplicação que resultou perfeitamente, uma vez que os alunos mostraram ter entendido a mensagem.

Em relação ao conceito de rendimento disponível dos particulares os alunos facilmente o identificaram no seu dia a dia, pelo que não houve necessidade explorar para além do apresentado.

Iniciou-se o subtema 6.5 – As desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia com a utilização de uma estratégia de trabalho pesquisa, tendo em conta que se trata de um tema melhor entendível através de valores concretos e reais, que sirvam de comparação entre a situação de Portugal e os restantes países da União Europeia. Os alunos, assim que foi lançada a actividade mostraram-se muito entusiasmados e motivados, pois saía da



	rotina habitual da sala de aula. Chegaram inclusive a verbalizar o seu contentamento por lhes ser dada total liberdade de exploração do tema, com orientação do guião de pesquisa.
Data : 31 de Março de 2011	Hora:09h00m às 10h30m (90minutos)
Objecto de Observação: Leccionação de Aula	Campo de Observação: Escola Secundária Josefa de Óbidos – Lisboa (Biblioteca da Escola e Sala de Aula)
Sumário: O Rendimento Disponível dos Particulares. Trabalho de pesquisa sobre Desigualdades na Repartição dos Rendimentos em Portugal e na União Europeia .	
Desenvolvimento da aula: <ul style="list-style-type: none">✓ Apresentação e enquadramento do tema com as aulas anteriores;✓ Elaborar um trabalho de pesquisa na biblioteca sobre as Desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia, com base no guião de pesquisa;✓ Apresentação dos resultados obtidos pelos alunos no trabalho desenvolvido;✓ Análise e interpretação de quadros e gráficos;✓ Aplicação da Ficha Formativa de revisões para o teste de avaliação.	Reflexão: <p>A aula iniciou-se na biblioteca da escola conforme havia sido programado na aula anterior para utilização dos computadores e internet, com vista à conclusão do trabalho de pesquisa que os alunos haviam iniciado.</p> <p>As alunas Catarina e Margarida chegaram atrasadas à aula, o que não perturbou o início da mesma tendo em conta que os seus pares já haviam iniciado o trabalho.</p> <p>Durante toda a primeira parte da aula foi</p>



realizado este trabalho e concluídas as apresentações orais em sala de aula.

As apresentações orais não mostraram muita qualidade, no entanto contribuíram para o enriquecimento do tema explorado posteriormente, com mais informação, dada pela professora após concluídas todas as apresentações. Dos pares que desenvolveram o trabalho é de registar que todos fizeram um esforço por apresentar graficamente os seus resultados, excepto o par composto pelos alunos Diogo e Jessica, que se limitaram a apresentar verbalmente resultados não muito credíveis, facto que também gerou alguma controvérsia em aula, permitindo à professora fazer uma chamada de atenção especial à



	forma de pesquisa utilizada e à credibilidade dos sites consultados.
--	--



10º ANO – TURMA B

Disciplina: ECONOMIA A

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição dos Rendimentos

Ano lectivo 2010/2011

CRITÉRIOS DE CORRECÇÃO

COTAÇÕES

GRUPO I – 65 pontos – 6,5 Valores	
Escolha Múltipla	65 pontos
GRUPO II – 65 pontos - 6,5 Valores	
1.1	7 pontos
1.2	12 pontos
1.3	7 pontos
1.4	12 pontos
1.5	7 pontos
1.6	20 pontos
GRUPO III – 70 pontos – 7 Valores	
1.1	20 pontos
1.2	20 pontos
1.3	15 pontos
1.4	15 pontos
TOTAL = 20 Valores	200 pontos

Critérios de Correção

GRUPO I – 65 pontos – 6,5 Valores

1.B	5 PONTOS
2.B	5 PONTOS
3.D.....	5 PONTOS
4.C	5 PONTOS
5.B	5 PONTOS
6.B	5 PONTOS
7.D	5 PONTOS
8.B	5 PONTOS
9.A	5 PONTOS
10.A	5 PONTOS
11.D	5 PONTOS
12.A	5 PONTOS
13.A	5 PONTOS

Questões	Critérios de classificação	Cotação
GRUPO II – pontos - Valores		
1.1	Atribuir 7 pontos se a resposta estiver completa; retirar 2 pontos se não referir as unidades monetárias: $125\ 000\ 000\ 000 - 46\ 000\ 000\ 000 = 79\ 000\ 000\ 000$ Ao factor do trabalho cabe 79 000 milhões de euros	7 pontos
1.2	Atribuir 6 pontos por cada factor: Factor Capital = 36,8 % do rendimento nacional Factor do trabalho = 63,2 % do rendimento nacional	6x2 12 pontos
1.3	Atribuir 7 pontos se a resposta estiver completa; retirar 2 pontos se não referir as unidades monetárias: $125\ 000\ 000\ 000 : 14\ 000\ 000 = 8\ 928,57$ euros O rendimento per capita do país X é de 8 928,57 euros	7 pontos
1.4	O aluno deverá responder uma das três alíneas: <ul style="list-style-type: none"> ✓ Representa uma média, ocultando desigualdades na repartição da riqueza; ✓ Calculado com base nos dados do sector formal da economia; ✓ Representa um valor global, não discriminando a natureza da riqueza. 	12 pontos
1.5	O aluno deverá responder: O leque salarial é de um para cem - 1/100, indica que o valor do salário máximo é cem vezes maior que o salário mínimo.	7 pontos
1.6	Atribuir 5 pontos pela explicação de cada índice, se a resposta for incompleta retirar 2 pontos em cada uma das explicações: No que diz respeito ao IDH (índice de desenvolvimento humano) este tem um valor alto querendo dizer que o país em questão tem um bom grau de desenvolvimento humano. No que diz respeito ao índice de Gini este tem um valor baixo querendo dizer que o país em questão tem uma fraca concentração dos rendimentos, ou seja as desigualdades na repartição dos rendimentos não é muito acentuada.	10x2 20 pontos
GRUPO III - 70 pontos – 7 Valores		
1.1.	Atribuição da cotação total se o aluno referir que: O Rendimento Disponível dos Particulares corresponde ao conjunto dos rendimentos primários e transferências que são recebidos por cada indivíduo, deduzidos dos respectivos impostos e contribuições sociais. Em 2006, o Rendimento Disponível dos Particulares cresceu 3,9% relativamente a 2005, ano em que este rendimento já havia aumentado 3,1%. O aumento do Rendimento Disponível dos Particulares deveu-se essencialmente às transferências correntes, tanto internas como externas, que foram a rubrica que mais cresceu no ano 2006 (7,8%). A desaceleração das contribuições sociais também contribuiu para o aumento do Rendimento Disponível dos Particulares, pois cresceram apenas 4,1% em 2006, quando haviam crescido 5% em 2005. Quanto aos rendimentos primários de 2006, verifica-se que diminuíram relativamente a 2005, tendo as remunerações do trabalho passado de 4,45, em 2005, para 4,2%, em 2006, e os rendimentos de empresas e de propriedade passado de 0,1%, em 2005, para 0%, em 2006. Por último, os impostos directos também não contribuíram para o aumento do Rendimento Disponível dos Particulares, registando-se um agravamento em 2006, ao passarem de uma variação de 5,3%, no ano anterior, para 6,7%, nesse ano.	20 pontos

1.2.	<p>Atribuição da cotação total se o aluno referir que:</p> <p>A poupança é a parte do rendimento que não é empregue em consumo, consistindo numa renúncia à satisfação imediata de necessidades de modo a ser possível satisfazer necessidades no futuro. A poupança das famílias determina-se deduzindo o Consumo Privado ao Rendimento Disponível dos Particulares.</p> <p>Poupança = Rendimento Disponível dos Particulares – Consumo Privado =</p> <p style="padding-left: 40px;">= 109 555 milhões de euros – 100 848 milhões de euros =</p> <p style="padding-left: 40px;">= 8707 milhões de euros</p> <p>Em 2006, a poupança das famílias portuguesas foi de 8707 milhões de euros.</p>	20 pontos
1.3.	<p>Atribuição da cotação total se o aluno referir que:</p> <p>O Rendimento Disponível dos Particulares é o rendimento que é efectivamente recebido pelas famílias, ou seja, o montante de que estas dispõem na realidade após a redução dos impostos directos e quotizações sociais.</p>	15 pontos
1.4.	<p>Atribuição da cotação total se o aluno referir duas situações de pensões ou subsídios que advém do Estado português (transferências internas) ou estrangeiro ou remessas (transferências externas).</p> <p>Se apenas uma situação será de atribuir 7,5 pontos.</p>	15 pontos
Total		200 Pontos

**MATRIZ DE OBJECTIVOS/CONTEÚDOS (TESTE SUMATIVO)**

DISCIPLINA : ECONOMIA A ANO: 10º TURMA: B

UNIDADE LECTIVA 6– RENDIMENTOS E REPARTIÇÃO DOS RENDIMENTOS

FIQ CONDUTOR: Analisar os mecanismos de formação e de repartição dos rendimentos, os objectivos e os meios de redistribuição desses rendimentos, assim como as causas da persistência de desigualdades na sua repartição.

Objectivos Conteúdos	Conhecer	Compreender	Aplicar	Analisar	Sintetizar	Avaliar	Criar
GRUPO I - Escolha múltipla							
1. Conceito Redistribuição do rendimento	X	X					
2. Conceito Salário Real	X	X					
3. Cálculo de Juros	X	X	X				
4. Noção repartição funcional dos rendimentos	X	X					
5. Distingue salário ilíquido de líquido	X	X					
6. Conceito de Leque Salarial	X	X					
7. Noção de Renda	X	X					
8. Finalidades da política de redistribuição do rendimento	X	X					
9. Exemplifica Imposto Directo	X	X					
10. Reconhece a fórmula de cálculo do Rendimento Pessoal Disponível	X	X					
11. Noção de Lucro	X	X					
12. Finalidades da Curva de Lorenz	X	X					
13. Incidência dos impostos directos	X	X					
GRUPO II							
1. 1.1. Indica o valor monetário do factor trabalho	X	X	X				
1.2. Calcula a repartição funcional do rendimento	X	X	X				



Objectivos	Conhecer	Compreender	Aplicar	Analisar	Sintetizar	Avaliar	Criar
Conteúdos							
1.3. Determina o rendimento per capita	X	X	X				
1.4. Interpreta o indicador calculado	X	X	X	X			
1.5 Determina o leque salarial	X	X	X				
1.6. Retira conclusões dos indicadores	X	X	X	X	X	X	
GRUPO III							
1. a) Explica com base no texto e quadro a evolução do Rendimento Disponível dos Particulares	X	X	X	X	X		
b) Calcula o valor da poupança	X	X	X				
c) Noção de Rendimento Disponível dos Particulares	X	X					
d) Exemplifica transferências correntes	X	X	X				

Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos

Disciplina: Economia A

Unidade 6 – Rendimentos e repartição dos rendimentos

Ano: 10º Turma: B

6.1 – A actividade produtiva e a formação dos rendimentos

6.2 – A repartição funcional dos rendimentos

6.3 – Repartição Pessoal dos Rendimentos

6.3.1 – Noção de repartição pessoal dos rendimentos

6.3.2 – Salário nominal e salário real

6.3.3 – O leque salarial

6.3.4 – O rendimento *per capita*

6.3.5 – As curvas de Lorenz

Objectivos para o teste:

1. Relaciona a Actividade Produtiva com a formação dos Rendimentos.
2. Apresenta a noção de repartição funcional dos rendimentos;
3. Distingue rendimentos primários ou directos de rendimentos secundários;
4. Indica os factores de produção;
5. Identifica os destinatários dos rendimentos primários;
6. Define Salário;
7. Distingue salário directo de salário indirecto;
8. Distingue salário bruto ou ilíquido de salário líquido;
9. Explica a função do salário mínimo nacional;
10. Caracteriza as formas de remuneração do capital;
11. Calcula os juros de operações passivas e activas;
12. Calcula a margem de intermediação financeira dos Bancos;
13. Explica a noção de repartição pessoal do rendimento;
14. Distingue a repartição funcional do rendimento da repartição pessoal do rendimento;
15. Calcula a repartição funcional do rendimento e a repartição pessoal do rendimento;
16. Identifica os factores das desigualdades de rendimento;
17. Distingue salário nominal de salário real;
18. Explica em que consiste o leque salarial;
19. Calcula o leque salarial;
20. Identifica os factores que justificam a disparidade salarial;
21. Dá a noção de rendimento *per capita*;
22. Calcula o rendimento *per capita*;
23. Apresenta as limitações do rendimento *per capita*;
24. Identifica os elementos de correcção a que se recorre para ultrapassar algumas das limitações do rendimento *per capita*;
25. Interpreta o Índice de Desenvolvimento Humano;
26. Analisa a curva de Lorenz;
27. Interpreta o índice de Gini;
28. Analisa gráficos e quadros.
29. Explica em que consiste a Redistribuição dos Rendimentos;
30. Distingue Impostos Directos de Indirectos;
31. Explica o Rendimento Disponível dos Particulares;
32. Interpreta valores representativos do Rendimento Disponível dos Particulares;
33. Identifica transferências correntes.



TESTE SUMATIVO

10º ANO – TURMA B

Disciplina: ECONOMIA A

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição dos Rendimentos

Ano lectivo 2010/2011

*Leia com atenção a prova antes de responder. Apresente todas as respostas na folha de teste.
O aluno pode utilizar a máquina calculadora.*

GRUPO I

1. O processo que visa corrigir as desigualdades provocadas pela repartição dos rendimentos designa-se ...
 - A. ... repartição primária.
 - B. ... redistribuição do rendimento.
 - C. ... formação do rendimento nacional.
 - D. ... formação do rendimento disponível.

2. O salário real ...
 - A. ... corresponde ao total das remunerações do trabalhador depois de se deduzirem os impostos e contribuições sociais.
 - B. ... corresponde ao poder de compra do salário nominal.
 - C. ... corresponde ao rendimento pessoal disponível.
 - D. ... corresponde à quantidade de moeda que um indivíduo recebe em troca de trabalho.

3. O banco X concede um empréstimo de 10 000 euros a uma taxa de 6,5% a 4 anos...
 - A. ... o banco irá pagar 2400 euros de juros.
 - B. ... o banco irá receber 2400 euros de juros.
 - C. ... o banco irá pagar 2600 euros de juros.
 - D. ... o banco irá receber 2600 euros de juros.

4. A repartição funcional do rendimento ...
 - A. ... permite analisar o montante do rendimento por agregado familiar.
 - B. ... considera a divisão do rendimento segundo a profissão do agente.
 - C. ... é a distribuição do rendimento de acordo com as funções desempenhadas por cada interveniente na actividade económica.
 - D. ... considera a divisão do rendimento segundo o estrato social do agente.

5. O salário que resulta depois de se deduzirem os impostos e as contribuições sociais ao salário bruto denomina-se salário...
 - A. ... ilíquido.
 - B. ... líquido.
 - C. ... real.
 - D. ... nominal.

6. O leque salarial é um indicador ...
- A. ... do nível dos salários reais.
 - B. ... de desigualdade nos salários.
 - C. ... de relação entre salários de diferentes países.
 - D. ... do valor do salário médio.
7. A remuneração que os proprietários recebem por cederem terrenos para a actividade produtiva designa-se por ...
- A. ... salário.
 - B. ... lucro.
 - C. ... juro.
 - D. ... renda.
8. Com a política de redistribuição do rendimento, o Estado pretende...
- A. ... receber impostos pagos pelas famílias.
 - B. ... atenuar a desigualdade na repartição do rendimento.
 - C. ... obter receitas para fazer face às suas despesas.
 - D. ... eliminar qualquer desigualdade de rendimentos.
9. É exemplo de um imposto directo o ...
- A. ... Imposto sobre o Rendimento das Pessoas Singulares (IRS).
 - B. ... Imposto sobre o Valor Acrescentado (IVA).
 - C. ... Imposto sobre Produtos Petrolíferos (ISP).
 - D. ... Imposto sobre o Tabaco (IT).
10. Contabilizam-se como parcelas positivas no cálculo do Rendimento Pessoal Disponível ...
- A. ... os rendimentos primários e as remessas dos emigrantes.
 - B. ... as quotizações sociais e os impostos directos.
 - C. ... os impostos directos e os rendimentos primários.
 - D. ... as remessas dos emigrantes e as quotizações sociais.
11. O lucro é ...
- A. ... a diferença entre o preço de venda e o valor dos impostos pagos.
 - B. ... o rendimento do dinheiro emprestado.
 - C. ... o valor de venda dos bens pelas empresas.
 - D. ... uma das formas de remuneração do capital investido.
12. As curvas de Lorenz podem ser utilizadas quando se pretende analisar...
- A. ... o grau de concentração verificado na repartição pessoal.
 - B. ... a relação entre o salário máximo e o salário mínimo.
 - C. ... o poder de compra dos trabalhadores.
 - D. ... o rendimento *per capita* num dado país.
13. Os impostos directos incidem...
- A. ... sobre os rendimentos das famílias e sobre os rendimentos das empresas.
 - B. ... sobre as despesas das famílias.
 - C. ... sobre as despesas das empresas.
 - D. ... sobre as despesas das empresas e sobre as despesas das famílias.

GRUPO II

1. Observe os seguintes valores relativos ao país X:

Rendimento Nacional.....	125 000 milhões de euros
Remunerações do capital.....	46 000 milhões de euros
População residente.....	14 milhões

1.1 Indique o valor monetário entregue ao factor trabalho no país X.

1.2 Calcule a repartição funcional do rendimento no país X, em termos percentuais.

1.3 Determine o rendimento *per capita* do país X.

1.4 Apresente uma razão que nos permita afirmar que o indicador calculado na questão anterior tem limitações.

1.5 Partindo do princípio que o ordenado mínimo praticado no país X é de 500 euros e o ordenado máximo é de 50 000, determine o leque salarial.

1.6 Supondo que o país X apresenta um IDH de 0,81 e um índice de Gini de 0,27, que conclusões pode retirar no que diz respeito a estes dois indicadores.

GRUPO III

1.

Em termos nominais, o crescimento do Rendimento Disponível dos Particulares, em Portugal, acelerou em 2006. Esta aceleração esteve associada, sobretudo, ao crescimento muito forte das transferências correntes, quer internas, quer externas. O aumento da taxa de crescimento do Rendimento Disponível dos Particulares, em termos nominais, ficou também a dever-se, embora em menor grau, à desaceleração das contribuições sociais em 2006, a qual ultrapassou o impacto negativo da aceleração dos impostos directos. O aumento das remunerações do trabalho manteve-se relativamente próximo do verificado em 2005. O quadro que se segue apresenta a evolução do Rendimento Disponível dos Particulares, em Portugal, no período de 2005/2006.

RENDIMENTO DISPONÍVEL DOS PARTICULARES		
TAXAS DE VARIAÇÃO NOMINAL, EM %		
	2005	2006
Rendimento Disponível	3,1	3,9
Remunerações do trabalho	4,4	4,2
Rendimentos de empresas e propriedade	0,1	0,0
Transferências correntes	5,0	7,8
Impostos directos	5,3	6,7
Contribuições sociais	5,0	4,1

- a. Explique, com base no texto e no quadro, a evolução do Rendimento Disponível dos Particulares, em Portugal, no período considerado, tendo em conta o comportamento das rubricas utilizadas no seu cálculo.
- b. Em 2006, em Portugal, o valor do Rendimento Disponível dos Particulares foi de 109 555 milhões de euros e o valor do Consumo Privado foi de 100 848 milhões de euros. Determine o valor da Poupança das Famílias, em 2006, tendo em conta o conceito de Poupança. Apresente a fórmula e os cálculos necessários.
- c. Dê a noção de Rendimento Disponível dos Particulares.
- d. Indique dois exemplos de transferências correntes.

DISCIPLINA : **Economia A**

Ano: 10º Turma: B

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição dos Rendimentos
Subunidade 6.4 – A redistribuição dos rendimentos.

PLANIFICAÇÃO DA AULA Nº 68 de 29/03/2011

PROFESSORA: Ana Flávia Martins

1 TEMPO LECTIVO **90 minutos****FIO CONDUTOR:** Compreender os mecanismos de redistribuição dos rendimentos.

CONTEÚDOS	OBJECTIVOS/ COMPETÊNCIAS	RECURSOS/ MATERAIS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	AVALIAÇÃO				
6.4. A redistribuição dos rendimentos	<ul style="list-style-type: none"> Explicar em que consiste a Redistribuição dos Rendimentos; Distinguir Impostos Directos de Indirectos; Dar exemplos de Impostos Directos e Indirectos; Interpretar gráfico e valores representativos da contribuição através de impostos; Explicar o papel do Estado na Redistribuição dos Rendimentos; Reconhecer a natureza económica e social na Redistribuição dos Rendimentos. 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ Diaporama; ◆ Data show; ◆ Fotocópias; ◆ Manual de Economia adoptado; ◆ Jogo didáctico. 	<p>Método Afirmativo</p> <ul style="list-style-type: none"> Técnica Expositiva <p>Método Interrogativo</p> <ul style="list-style-type: none"> Técnica das perguntas <p>Método Activo</p> <ul style="list-style-type: none"> Resolução de um jogo 		<p>Competências Transversais:</p> <ul style="list-style-type: none"> *Assiduidade *Pontualidade *Interesse e atitude perante o trabalho *Comportamento *Postura na sala de aula *Domínio escrito e oral da língua portuguesa * Trabalho de casa <p>Competências Específicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> *Participação oral *Trabalho individual/pares (exercícios de aplicação) * Capacidade na execução das tarefas propostas 				
			<p>6.4.1. Noção de redistribuição dos rendimentos</p> <p>6.4.2. Políticas do Estado na redistribuição dos rendimentos</p>	<p>Desenvolvimento da aula:</p> <p>1 – Apresentação e enquadramento do tema com as aulas anteriores;</p> <p>2 – Sensibilização para o tema de aula através de um filme sobre desigualdades sociais;</p> <p>3 – Explicar em que consiste a Redistribuição dos Rendimentos;</p> <p>4 – Identificar os objectivos principais da Redistribuição dos Rendimentos;</p> <p>5 – Apresentar as diferentes formas de Receitas do Estado;</p> <p>6 – Expor os diferentes tipos de impostos directos;</p> <p>7 – Expor os diferentes tipos de impostos indirectos;</p> <p>8 – Apresentar gráfico representativo dos contribuintes;</p> <p>9 - Expor a noção de Políticas Fiscais do Estado;</p> <p>10– Análise conjunta de dados orçamentais relativos às receitas e despesas fiscais;</p> <p>11 - Expor a noção de Políticas Sociais do Estado;</p> <p>12– Análise conjunta de dados orçamentais relativos às receitas e despesas sociais;</p> <p>13 – Síntese do que foi feito em aula através da aplicação de um jogo de memória de conceitos.</p>		5 m	5 m	15 m	15 m

ENQUADRAMENTO: Documentos em anexo.

SUMÁRIO: A Redistribuição dos Rendimentos e as Políticas do Estado.

OBSERVAÇÕES: Caso não seja possível a concretização total desta planificação, a mesma será retomada na aula seguinte. O docente assinalará as faltas e sumariará a aula.

DISCIPLINA : **Economia A**

Ano: 10º Turma: B

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição dos Rendimentos
Subunidade 6.4 – A redistribuição dos rendimentos.

GRELHA DE OBSERVAÇÃO DA AULA Nº __ de 29/03/2011

PROFESSORA: Ana Flávia Martins

1 TEMPO LECTIVO **90 minutos**

NOMES	<u>Competências Transversais:</u>					<u>Competências específicas:</u>		
	Assiduidade / Pontualidade (P - Presença / F - Falta / AT - Atraso)	TPC (Fez / Não Fez)	Atitude perante o trabalho (B- Boa / M - Má)	Comportamento e postura na sala (S - Satisfaz / NS - Não satisfaz)	Domínio da LP oral/ escrita (D - Domina/ ND - Não domina)	Participação oral (P - Participa / NP - Não Participa)	Trabalho individual e a pares (R - Realizou/ NR - Não realizou)	Capacidade na execução das tarefas propostas (M - Mostrou / NM - Não Mostrou)
1 – Catarina Chaves	P	N.O.	B	S	D	P	R	M
2 – Diogo	P	N.O.	B	S	D	P	R	M
3 – Inês Pacheco	P	N.O.	B	S	D	P	R	M
4 – Isabel Oliveira	P	N.O.	B	S	D	P	R	M
5 – Jessica	F	N.O.	B	S	D	P	R	M
6 – Maria Assunção	P	N.O.	B	S	D	P	R	M
7 – Marta Conceição	P	N.O.	B	S	D	P	R	M
8 – Soraia Pestana	P	N.O.	B	S	D	P	R	M

N.O. – NÃO OBSERVADO

OUTRAS OBSERVAÇÕES:

--

Universidade de Lisboa

Mestrado em Ensino de Economia e Contabilidade

Disciplina de Didáctica da Economia

Prof.^a Doutora Maria João Pais

Leccionação de Aula

Escola Secundária Josefa de Óbidos

Disciplina: Economia A

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição dos Rendimentos

Subunidade 6.4. – A redistribuição dos rendimentos

Trabalho realizado por:

Ana Flávia Martins

29 de Março de 2011



Escola Secundária Josefa de Óbidos

Disciplina: Economia A

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição dos Rendimentos

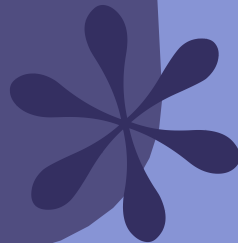
6.4 – A redistribuição dos rendimentos

Lição n.º

29/03/2011

Sumário:

A Redistribuição dos Rendimentos e as Políticas do Estado.



A repartição dos rendimentos nem sempre é equilibrada.



❖ Redistribuição dos rendimentos



❖ Redistribuição dos rendimentos

REDISTRIBUIÇÃO DOS RENDIMENTOS

=


REPARTIÇÃO
DOS
RENDIMENTOS
PRIMÁRIOS

+

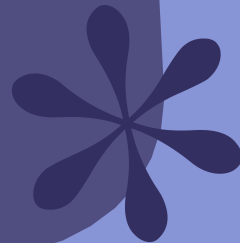
TRANSFERÊNCIAS
DO ESTADO /
COMP. SOCIAIS

-

IMPOSTOS
DIRECTOS E
CONTRIBUIÇÃO
SOCIAL



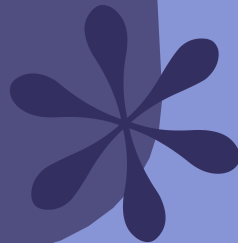
ESTADO
PROVIDÊNCIA
SÉCULO XIX



❖ Redistribuição dos rendimentos

Objectivos principais:

- corrigir as desigualdades provocadas pela repartição dos rendimentos;
- cobrir colectivamente os riscos individuais;
- pôr à disposição de toda a população um conjunto de bens e serviços sociais;



❖ Redistribuição dos rendimentos

RECEITAS DO ESTADO



PATRIMONIAIS OU VOLUNTÁRIAS

COACTIVAS

TAXAS

IMPOSTOS

DIRECTOS

INDIRECTOS

CREDITÍCIAS



✓ *Impostos Directos*



IRC



IRS

IMI



IMT



✓ *Impostos Indirectos*

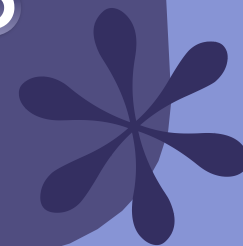


IVA



IS

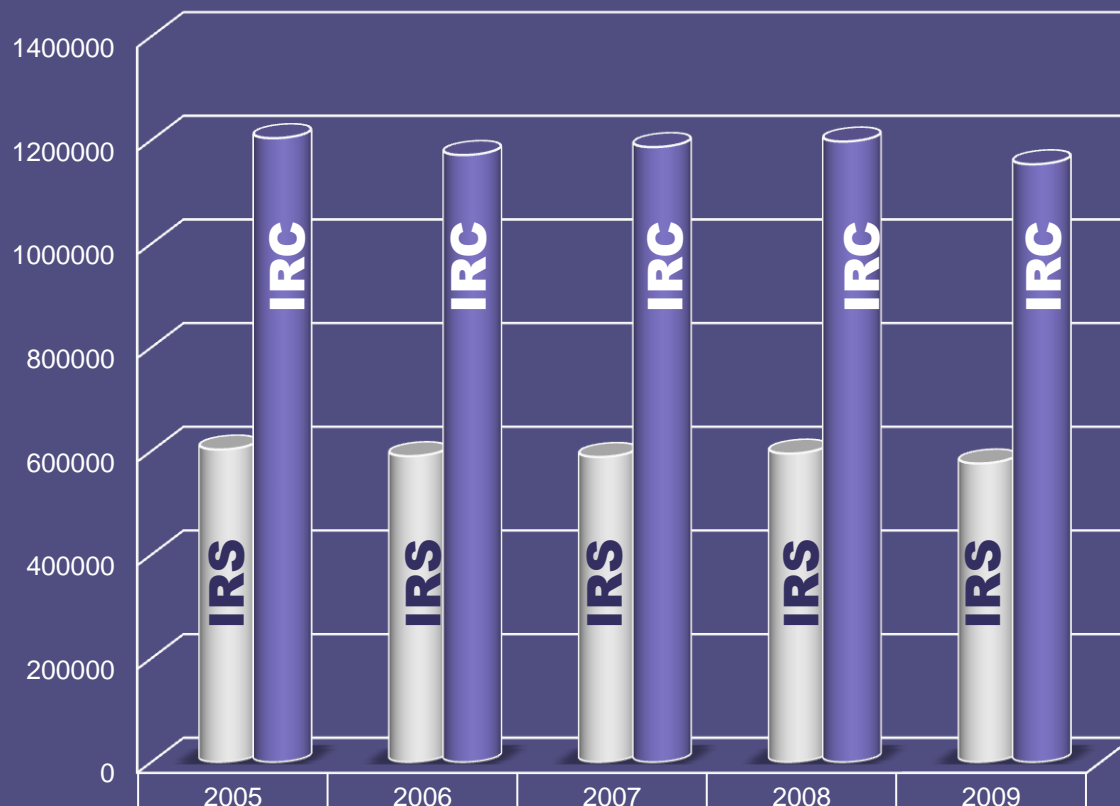
QUOTIZAÇÕES SOCIAIS



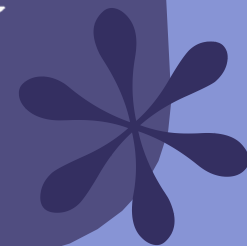
❖ Quem paga o IRS e o IRC ?

Nº Contribuintes do Estado

Nº de indivíduos



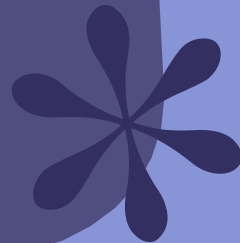
■ Nº TRABALHADORES POR CONTA DE OUTREM	603292	590471	588913	595477	576449
□ Nº TRABALHADORES POR CONTA PRÓPRIA	1204000	1171500	1186800	1197600	1153700



❖ Políticas do Estado

✓ POLÍTICAS FISCAIS

*CRIAÇÃO DE IMPOSTOS
SOBRE BENS E SERVIÇOS
OU SOBRE OS
RENDIMENTOS PESSOAIS.*



❖ Políticas do Estado

✓ POLÍTICAS FISCAIS

ORÇAMENTO DE ESTADO 2010 (milhões de euros)

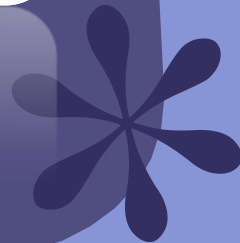
RECEITAS		DESPEAS	
IMPOSTOS:		<i>FUNÇÕES DE SOBERANIA</i>	19.508
DIRECTOS: IRS	9.046		
IRC	4.200		
OUTROS	67	<i>FUNÇÕES SOCIAIS</i>	31.288
TOTAL	13.313		
INDIRECTOS: IVA	11.271	<i>FUNÇÕES ECONÓMICAS</i>	1.817
ISP	2.470		
IMP. S/ TABACO	1.180		
OUTROS	895	<i>OUTRAS FUNÇÕES</i>	100.891
TOTAL	15.816		
TOTAL DAS RECEITAS	153.505	TOTAL DAS DESPEAS	153.505

Fonte: Direcção-Geral do Orçamento, 2010

❖ Políticas do Estado

✓ POLÍTICAS SOCIAIS

***ATENUAR AS
DESIGUALDADES SOCIAIS
EXISTENTES ENTRE OS
CIDADÃOS.***



❖ Políticas do Estado

✓ POLÍTICAS SOCIAIS



RECEITAS
CONTRIBUIÇÕES SOCIAIS 224.103
TRANSFERÊNCIAS 1.276.699
OUTRAS RECEITAS

DESPESAS
PRESTAÇÕES SOCIAIS 21.010 <i>(PENSÕES; SUBSÍDIOS; ABONOS ... REND. SOCIAL DE INSERÇÃO)</i>
ACÇÃO SOCIAL 341.028

TRANSFERÊNCIAS SOCIAIS

❖ Políticas do Estado

Redistribuição dos rendimentos



NATUREZA ECONÓMICA

Permitir níveis de consumo superiores a determinados grupos sociais.



NATUREZA SOCIAL

Reduzir as desigualdades de rendimentos entre os agentes económicos e cobrir os indivíduos contra os riscos sociais.



REDISTRIBUIÇÃO DO RENDIMENTO	I.R.S.
RECEITAS PATRIMONIAIS OU VOLUNTÁRIAS	I.M.I.
RECEITAS COACTIVAS	IMPOSTOS DIRECTOS
I.R.C.	IMPOSTOS INDIRECTOS

I.V.A.

I.S.P.

**POLÍTICAS
FISCAIS**

**POLÍTICAS
SOCIAIS**

M

N

O

P

Q

R

S

T

U

V

X

Z

<p>CORRIGIR DESEQUILIBRIOS RESULTANTES DA PRIMEIRA REPARTIÇÃO DE RENDIMENTOS</p>	<p>VALOR DA VENDA RESULTANTE DE ACORDOS NEGOCIAIS ENTRE O ESTADO E OS PARTICULARES</p>
<p>TAXAS OU IMPOSTOS</p>	<p>IMPOSTO QUE INCIDE SOBRE OS LUCROS DAS EMPRESAS</p>
<p>IMPOSTO SOBRE OS RENDIMENTOS DAS PESSOAS SINGULARES</p>	<p>IMPOSTO MUNICIPAL SOBRE IMÓVEIS</p>
<p>IMPOSTOS PAGOS DIRECTAMENTE PELOS CONTRIBUINTES AO ESTADO</p>	<p>IMPOSTOS QUE SÃO PAGOS PELOS INDUSTRIAIS E COMERCIANTES</p>

**IMPOSTO QUE INCIDE
SOBRE QUASE TODOS OS
BENS DE CONSUMO**

**IMPOSTO SOBRE OS
PRODUTOS
PETROLÍFEROS**

**CRIAÇÃO DE IMPOSTOS
SOBRE BENS E SERVIÇOS
OU SOBRE
RENDIMENTOS PESSOAIS**

**POLÍTICAS CUJO
OBJECTIVO É ATENUAR
AS DESIGUALDADES
SOCIAIS EXISTENTES
ENTRE OS CIDADÃOS**

A

B

C

D

E

F

G

H

I

J

K

L

GRELHA DE SOLUÇÕES DO JOGO DA MEMÓRIA DE CONCEITOS

A	REDISTRIBUIÇÃO DOS RENDIMENTOS	CORRIGIR DESEQUILIBRIOS RESULTANTES DA PRIMEIRA REPARTIÇÃO DE RENDIMENTOS	M
H	RECEITAS PATRIMONIAIS OU VOLUNTÁRIAS	VALOR DA VENDA RESULTANTE DE ACORDOS NEGOCIAIS ENTRE O ESTADO E OS PARTICULARES	C
P	RECEITAS COACTIVAS	TAXAS OU IMPOSTOS	Q
N	I.R.C.	IMPOSTO QUE INCIDE SOBRE OS LUCROS DAS EMPRESAS	X
D	I.R.S.	IMPOSTO SOBRE OS RENDIMENTOS DAS PESSOAS SINGULARES	O
S	I.M.I.	IMPOSTO MUNICIPAL SOBRE OS IMÓVEIS	R
G	IMPOSTOS DIRECTOS	IMPOSTOS PAGOS DIRECTAMENTE PELOS CONTRIBUINTES AO ESTADO	V
Z	IMPOSTOS INDIRECTOS	IMPOSTOS QUE SÃO PAGOS PELOS INDUSTRIAIS E COMERCIAIS	I

K	I.V.A.	IMPOSTO QUE INCIDE SOBRE QUASE TODOS OS BENS DE CONSUMO	V
L	I.S.P.	IMPOSTO SOBRE OS PRODUTOS PETROLÍFEROS	T
F	POLÍTICAS FISCAIS	CRIAÇÃO DE IMPOSTOS SOBRE BENS E SERVIÇOS OU SOBRE RENDIMENTOS PESSOAIS	B
E	POLÍTICAS SOCIAIS	POLÍTICAS CUJO OBJECTIVO É ATENUAR AS DESIGUALDADES SOCIAIS EXISTENTES ENTRE OS CIDADÃOS	J

DISCIPLINA : **Economia A**

Ano: 10º Turma: B

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição dos Rendimentos
Subunidade 6.4 – A redistribuição dos rendimentos.

PLANIFICAÇÃO DA AULA Nº 69 de 30/03/2011

PROFESSORA: **Ana Flávia Martins**1 TEMPO LECTIVO **90 minutos****FIO CONDUTOR:** Compreender os mecanismos de redistribuição dos rendimentos.

CONTEÚDOS	OBJECTIVOS/ COMPETÊNCIAS	RECURSOS/ MATERAIS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	AVALIAÇÃO
<p>6.4. A redistribuição dos rendimentos</p> <p>6.4.3. O rendimento disponível dos particulares</p>	<ul style="list-style-type: none"> Reconhecer o sistema de progressividade dos impostos directos; Dar a noção de Rendimento Disponível dos Particulares; Explicar como se forma o Rendimento Disponível dos Particulares; Calcular o Rendimento Disponível dos Particulares; Explicar a importância do Rendimento Disponível dos Particulares; Relacionar Rendimento Disponível dos Particulares com Consumo e Poupança; Pesquisar informação estatística sobre as desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia; Interpretar gráfico e valores representativos das desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia; 	<ul style="list-style-type: none"> Fotocópias; Manual de Economia adoptado; Ficha de Trabalho; Guião de Pesquisa; Despacho nº2517-A /2011. 	<p>Método Afirmativo</p> <ul style="list-style-type: none"> Técnica Expositiva <p>Método Interrogativo</p> <ul style="list-style-type: none"> Técnica das perguntas <p>Método Activo</p> <ul style="list-style-type: none"> Pesquisa de informação <p>Desenvolvimento da aula:</p> <ol style="list-style-type: none"> 1 – Apresentação e enquadramento do tema com as aulas anteriores; 2 – Clarificar o sistema de progressividade dos impostos directos na Política Fiscal do Estado; 3 – Aplicar o cálculo das taxas de IRS e Contribuições Sociais das famílias, com recurso às tabelas de retenção na fonte em sede de IRS; 4 - Explicar em que consiste o Rendimento Disponível dos Particulares; 5 – Apresentar as componentes do Rendimento Disponível dos Particulares; 6 – Elaborar um trabalho de pesquisa na biblioteca sobre as Desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia, com base no guião de pesquisa; 	<p align="center">45 m</p> <p align="center">45 m</p>	<p>Competências Transversais:</p> <ul style="list-style-type: none"> *Assiduidade *Pontualidade *Interesse e atitude perante o trabalho *Comportamento *Postura na sala de aula *Domínio escrito e oral da língua portuguesa * Trabalho de casa <p>Competências Específicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> *Participação oral *Trabalho individual/pares (exercícios de aplicação) * Capacidade na execução das tarefas propostas

ENQUADRAMENTO: Documentos em anexo.

SUMÁRIO: O Rendimento Disponível dos Particulares. Trabalho de Pesquisa sobre Desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia.

OBSERVAÇÕES: Caso não seja possível a concretização total desta planificação, a mesma será retomada na aula seguinte. O docente assinalará as faltas e sumariará a aula.

DISCIPLINA : **Economia A**

Ano: 10º Turma: B

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição dos Rendimentos
Subunidade 6.4 – A redistribuição dos rendimentos.

GRELHA DE OBSERVAÇÃO DA AULA Nº 69 de 30/03/2011

PROFESSORA: **Ana Flávia Martins**1 TEMPO LECTIVO **90 minutos**

NOMES	<u>Competências Transversais:</u>					<u>Competências específicas:</u>		
	Assiduidade / Pontualidade (P - Presença / F – Falta / AT – Atraso)	TPC (Fez / Não Fez)	Atitude perante o trabalho (B- Boa / M - Má)	Comportamento e postura na sala (S - Satisfaz / NS - Não satisfaz)	Domínio da LP oral/ escrita (D - Domina/ ND - Não domina)	Participação oral (P - Participa / NP -Não Participa)	Trabalho individual e a pares (R - Realizou/ NR - Não realizou)	Capacidade na execução das tarefas propostas (M - Mostrou / NM - Não Mostrou)
1 – Catarina Chaves	P	N.O.	B	S	D	P	R	M
2 – Diogo	P/ AT	N.O.	B	S	D	P	R	M
3 – Inês Pacheco	P	N.O.	B	S	D	P	R	M
4 – Isabel Oliveira	P	N.O.	B	S	D	P	R	M
5 – Jessica	P	N.O.	B	S	D	P	R	M
6 – Maria Assunção	P /AT	N.O.	B	S	D	P	R	M
7 – Marta Conceição	P	N.O.	B	S	D	P	R	M
8 – Soraia Pestana	P	N.O.	B	S	D	P	R	M

N.O. – NÃO OBSERVADO

OUTRAS OBSERVAÇÕES:

--



ESCOLA SECUNDÁRIA JOSEFA DE ÓBIDOS

10º ANO TURMA B

Disciplina: ECONOMIA A

Unidade 6. – Rendimentos e Repartição de Rendimentos

Subunidade 6.4. – A redistribuição dos rendimentos

Ficha de Trabalho

Com vista a corrigir desigualdades, os Estados aplicam **impostos directos**, pois incidem directamente sobre os rendimentos das pessoas, sendo estes **progressivos**, isto é, aumentando a sua taxa à medida que o rendimento aumenta.

É através do que for estabelecido pelo Ministério das Finanças, por despacho, que se estabelecem essas taxas a aplicar.

Para melhor percebermos esta situação, vamos resolver o seguinte exercício, com recurso ao Despacho nº. 2517/A de 2011 onde são aprovadas as tabelas do regime de retenção na fonte em sede de imposto sobre o rendimento das pessoas singulares (IRS).

A) A família Duarte é composta por um agregado familiar de 4 pessoas, a Sra. Ivone casada com o Sr. Francisco, que têm a seu cargo dois filhos.

O Sr. Francisco é funcionário de uma empresa de transportes há 20 anos, pelo que auferir de um rendimento no valor mensal de 960€, a sua esposa é empregada de limpeza e por mês recebe o salário mínimo nacional em vigor no presente ano (485€).

Calcule o valor que estes contribuintes retêm na fonte, em sede de IRS, no mês de Março de 2011.

B) O agregado familiar da Dra. Fátima Azevedo é composto por 5 pessoas. A Dra. Fátima, médica cardiologista, com um salário base mensal de 3100€; esposa do Eng^o. Alcides Azevedo, especialista em sondagem hidráulica, que auferem um salário mensal de 3500€, têm a seu cargo três filhos em idade escolar.

Preencha os recibos de vencimento referentes ao mês de Março de 2011, dos contribuintes acima referenciados, tendo em conta que a taxa de contribuição obrigatória para a Segurança Social é de 11% por parte do trabalhador e o subsídio de refeição é de 4,5€ por dia, igual para os dois contribuintes.

Nome Funcionário		
Mês de Referência	Vencimento Base	
Designação	Receitas	Descontos
<i>Vencimento</i>		
<i>Subsídio de Refeição</i>		
<i>Segurança Social</i>		
<i>IRS</i>		

Nome Funcionário		
Mês de Referência	Vencimento Base	
Designação	Receitas	Descontos
<i>Vencimento</i>		
<i>Subsídio de Refeição</i>		
<i>Segurança Social</i>		
<i>IRS</i>		

O Rendimento Disponível dos Particulares

Importa conhecer em cada momento qual o rendimento que é efectivamente recebido pelas famílias, ou seja, o montante de que estas dispõem na realidade, pois, os rendimentos primários recebidos pelas empresas é diminuído devido à aplicação dos impostos directos e quotizações sociais. Mas **algumas famílias recebem transferências internas vindas do Estado**, o que pode constituir o seu único rendimento (pensões de reforma, invalidez, Rendimento Social de Inserção) ou podem constituir um complemento (subsídio de invalidez, abono de família).

Outras famílias recebem ainda transferências externas, enviadas do estrangeiro para o nosso país, como no caso das remessas dos emigrantes, provocando estas transferências um aumento das disponibilidades monetárias das famílias e do próprio país.

Assim, se aos rendimentos recebidos pelas famílias retirarmos o valor dos impostos directos e das contribuições sociais, obteremos o **Rendimento Disponível dos Particulares**.

É com a parte do rendimento apurada que as famílias vão efectuar os seus gastos em consumo ou vão poupar.

+ Remunerações do trabalho – Salários
+ Rendimentos de empresas e propriedade – Lucros, juros e rendas
+ Transferências internas – Subsídios de desemprego, abono de família, etc...
+ Transferências externas – Remessas de emigrantes
= RENDIMENTO PESSOAL
- Impostos directos – IRS, IRC
- Contribuições Sociais – Quotizações para a segurança social
= RENDIMENTO DISPONÍVEL DOS PARTICULARES



ESCOLA SECUNDÁRIA JOSEFA DE ÓBIDOS

10º ANO TURMA B

Disciplina: ECONOMIA A

Unidade 6. – Rendimentos e Repartição de Rendimentos

Subunidade 6.4. – A redistribuição dos rendimentos

GUIÃO DE PESQUISA

Tema:

As Desigualdades na Repartição dos Rendimentos em Portugal e na União Europeia

1. OBJECTIVOS PEDAGÓGICOS:

Pesquisa e tratamento de informação estatística sobre a Desigualdade entre países.

Sugestão de sub-temas a pesquisar: Desigualdades no PIB; Rendimento *per Capita* nos países da UE; Salário Mínimo Mensal nos países da UE; PIB *per Capita* em % da média da UE; Taxa de Risco de Pobreza; Rendimentos auferidos por Mulheres e Homens; entre outros.

2. FASES DO TRABALHO :

1. **Pesquisa e selecção de informação** (Recorra aos meios que são disponibilizados na biblioteca da escola, como livros, enciclopédias, revistas, jornais e Internet..., e recolha a informação de forma a poder ser analisada posteriormente).
2. **Tratamento da informação** (após a pesquisa e selecção da informação deve fazer uma análise da mesma, nomeadamente construindo a sua reflexão sobre os dados que esta transmite e que serão pertinentes para o tema do trabalho).
3. **Produção e redacção de um pequeno texto sobre o essencial da informação recolhida** (fazer um resumo da informação recolhida através da evidência de factos que considere mais importantes).
4. **Preparar a forma de partilhar a informação recolhida** (na aula seguinte terão oportunidade de partilhar com os colegas a informação recolhida, prepara-a recorrendo a algum suporte para a expôr, como por exemplo o *power point*).

3. SUGESTÕES DE PESQUISA :

- Revistas e Jornais (onde podem ser retiradas notícias);
- Internet: www.ine.pt
www.pordata.pt
www.portugal.gov.pt (Orçamento de Estado 2011)
www.bportugal.pt (Relatório Anual do Banco de Portugal).

DISCIPLINA : **Economia A**

Ano: 10º Turma: B

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição dos Rendimentos
Subunidade 6.5 – As desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia.

PLANIFICAÇÃO DA AULA Nº 70 de 31/03/2011

PROFESSORA: Ana Flávia Martins

1 TEMPO LECTIVO **90 minutos**

FIO CONDUTOR: Conhecer a desigualdade na repartição do rendimento em Portugal e nos restantes países da União Europeia.

CONTEÚDOS	OBJECTIVOS/ COMPETÊNCIAS	RECURSOS/ MATERAIS	ESTRATÉGIAS	TEMPO	AVALIAÇÃO
6.5. As desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia	<ul style="list-style-type: none"> • Pesquisar informação estatística sobre as desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia; • Interpretar gráfico e valores representativos das desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia; • Analisar a desigualdade na repartição do rendimento em Portugal e nos restantes países da União Europeia, segundo uma perspectiva económica e social. 	<ul style="list-style-type: none"> ♦ Fotocópias; ♦ Manual de Economia adoptado; ♦ Diaporama. 	<p>Método Afirmativo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Técnica Expositiva <p>Método Interrogativo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Técnica das perguntas <p>Método Activo</p> <ul style="list-style-type: none"> • Pesquisa de informação 		<p>Competências Transversais:</p> <ul style="list-style-type: none"> *Assiduidade *Pontualidade *Interesse e atitude perante o trabalho *Comportamento *Postura na sala de aula *Domínio escrito e oral da língua portuguesa * Trabalho de casa <p>Competências Específicas:</p> <ul style="list-style-type: none"> *Participação oral *Trabalho individual/pares (exercícios de aplicação) * Capacidade na execução das tarefas propostas
			<p>Desenvolvimento da aula:</p> <p>1 – Apresentação e enquadramento do tema com as aulas anteriores;</p>	5 m	
			<p>2 – Elaborar um trabalho de pesquisa na biblioteca sobre as Desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia, com base no guião de pesquisa;</p>	30 m	
			<p>3 – Apresentação dos resultados obtidos pelos alunos no trabalho desenvolvido;</p>	25 m	
			<p>4 – Análise e interpretação de quadros e gráficos;</p> <p>5 – Aplicação da Ficha Formativa de revisões para o teste de avaliação.</p>	15 m	

ENQUADRAMENTO: Documentos em anexo.

SUMÁRIO: As Desigualdades na repartição dos rendimentos em Portugal e na União Europeia.

OBSERVAÇÕES: Caso não seja possível a concretização total desta planificação, a mesma será retomada na aula seguinte. O docente assinalará as faltas e sumariará a aula.

DISCIPLINA : **Economia A**

Ano: 10º Turma: B

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição dos Rendimentos
Subunidade 6.4 – A redistribuição dos rendimentos.

GRELHA DE OBSERVAÇÃO DA AULA Nº 70 de 31/03/2011

PROFESSORA: Ana Flávia Martins

1 TEMPO LECTIVO **90 minutos**

NOMES	Competências Transversais:					Competências específicas:		
	Assiduidade / Pontualidade (P - Presença / F - Falta / AT - Atraso)	TPC (Fez / Não Fez)	Atitude perante o trabalho (B- Boa / M - Má)	Comportamento e postura na sala (S - Satisfaz / NS - Não satisfaz)	Domínio da LP oral/ escrita (D - Domina/ ND - Não domina)	Participação oral (P - Participa / NP - Não Participa)	Trabalho individual e a pares (R - Realizou/ NR - Não realizou)	Capacidade na execução das tarefas propostas (M - Mostrou / NM - Não Mostrou)
1 – Catarina Chaves	P/AT	N.O.	B	S	D	P	R	M
2 – Diogo	P	N.O.	B	S	D	P (POUCO)	R(POUCO)	M
3 – Inês Pacheco	P	N.O.	B	S	D	P	R	M
4 – Isabel Oliveira	P	N.O.	B	S	D	P	R	M
5 – Jessica	P	N.O.	B	S	D	P	R	M
6 – Maria Assunção	P/AT	N.O.	B	S	D	P (POUCO)	R(POUCO)	M
7 – Marta Conceição	P	N.O.	B	S	D	P	R	M
8 – Soraia Pestana	P	N.O.	B	S	D	P	R	M

N.O. – NÃO OBSERVADO

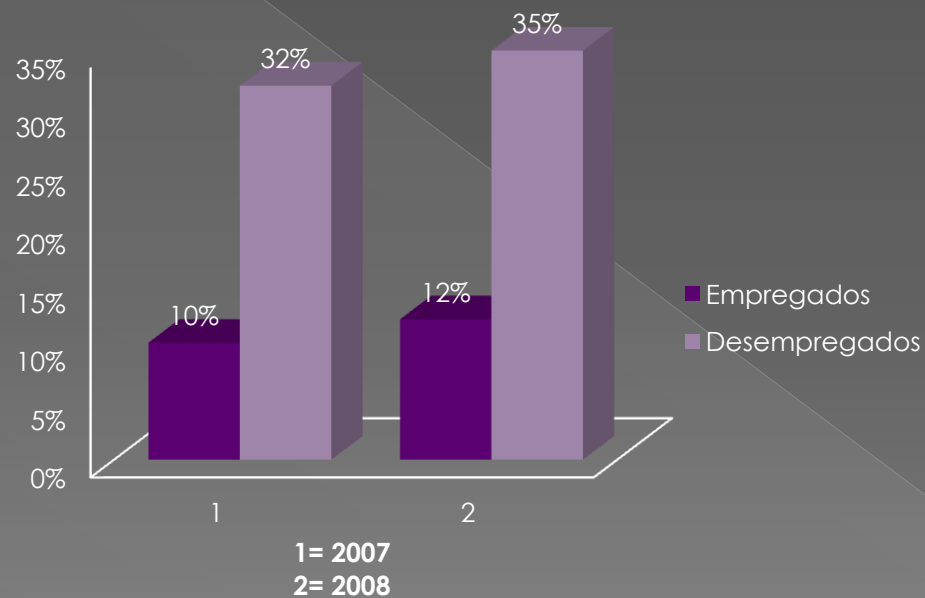
OUTRAS OBSERVAÇÕES:

--

Taxa de Risco de Pobreza em Portugal

Entre 2007 e 2008

Taxa de Risco de Pobreza



Taxa de risco de pobreza

- A pobreza está a aumentar em Portugal, mesmo entre os trabalhadores com emprego, e também entre os desempregados, as famílias com filhos e os jovens.
- Considera-se que uma família em risco de pobreza é aquela que sobrevive com 384,5 euros/mês.
- Trabalho realizado por: Catarina Chaves e Maria Margarida
- Fonte: http://resistir.info/e_rosa/pobreza_aumenta.html

Salário mínimo mensal na Europa



Luxemburgo



- Segundo um estudo do Eurostat, realizado a 1 de Janeiro de 2009, Luxemburgo é o que tem o melhor salário mínimo Europeu com 1642€ por mês
- A lei deste Salário entrou em vigor em 1973 pelo governo.
- Teve um aumento de 38% entre 2000 e 2009 nos salários (1191€).

Bulgária

- Tem o pior salário mínimo da Europa com 123€ por mês.



Outros países...

- Irlanda a seguir de Luxemburgo tem como salário mínimo 1452€.



- A Bélgica, vem em 3º lugar e como salário mínimo tem 1387€.



A seguir em 4º lugar vem França com 1321€.



- Os países que entraram agora na União Europeia estão em ultimos como por exemplo: a Lituânia (232€) e a Roménia (153€).

Portugal

- Portugal como salário mínimo 450 € (2009), na actualidade é de 485€.



- Trabalho realizado por :

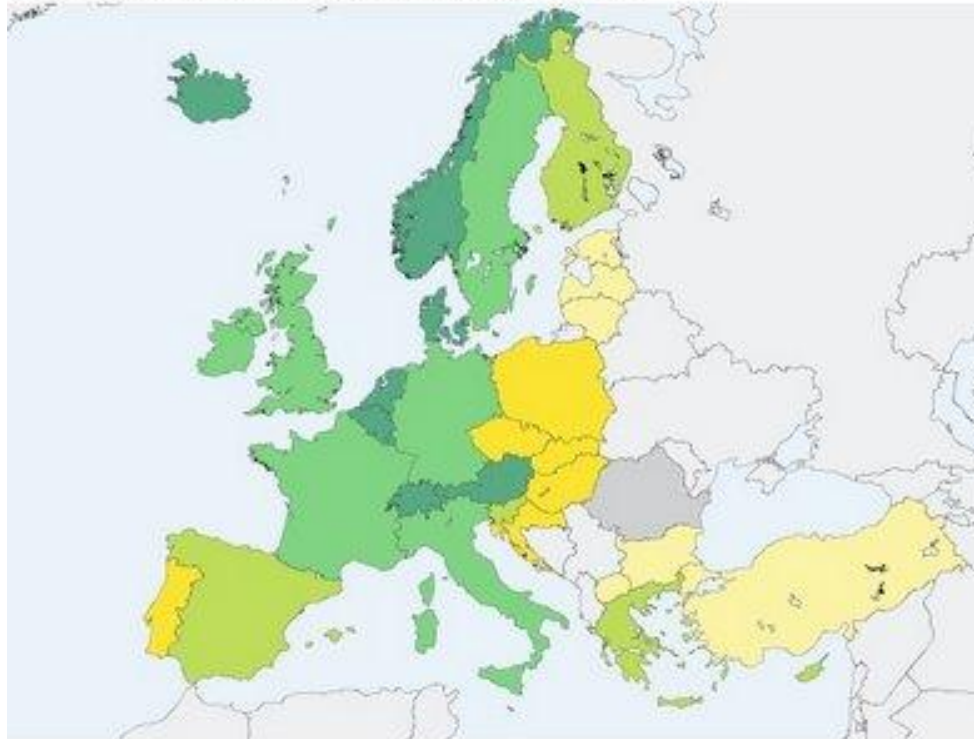
Soraia Pestana e Inês Pacheco 10^oC

Desigualdades na UE

PIB *per capita* na UE

GDP per capita in PPS

GDP per capita in Purchasing Power Standards (PPS) (EU-27 = 100)



Legend (Data 1997)

26.5 - 41.9

41.9 - 76.3

76.3 - 110.9

110.9 - 124.6

124.6 - 215.1

N/A

Minimum value:26.5 Maximum value:215.1 eu25:104.9 eu15:115.5

Fonte: EUROSTAT



Noruega, Dinamarca, Holanda, Bélgica,
Suíça*, Islândia* , Áustria



Inglaterra, Irlanda, Suécia,
Alemanha, França, Itália



Espanha, Grécia, Chipre,
Finlândia, Eslovénia



Portugal, Polónia, Republica Checa,
Eslováquia, Hungria, Croácia*



Letónia, Roménia, Bulgária, Turquia*, Estónia,
Lituânia, Macedónia*

Trabalho realizado por:
Isabel de Oliveira nº 4
Marta Conceição nº 7

Universidade de Lisboa

Mestrado em Ensino de Economia e Contabilidade

Disciplina de Didáctica da Economia

Prof.^a Doutora Maria João Pais

Leccionação de Aula

Escola Secundária Josefa de Óbidos

Disciplina: Economia A

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição dos Rendimentos

Subunidade 6.4. – A redistribuição dos rendimentos

Trabalho realizado por:
Ana Flávia Martins

01 de Abril de 2011

Escola Secundária Josefa de Óbidos

Disciplina: Economia A

Unidade 6 – Rendimentos e Repartição dos Rendimentos

6.4 – A redistribuição dos rendimentos

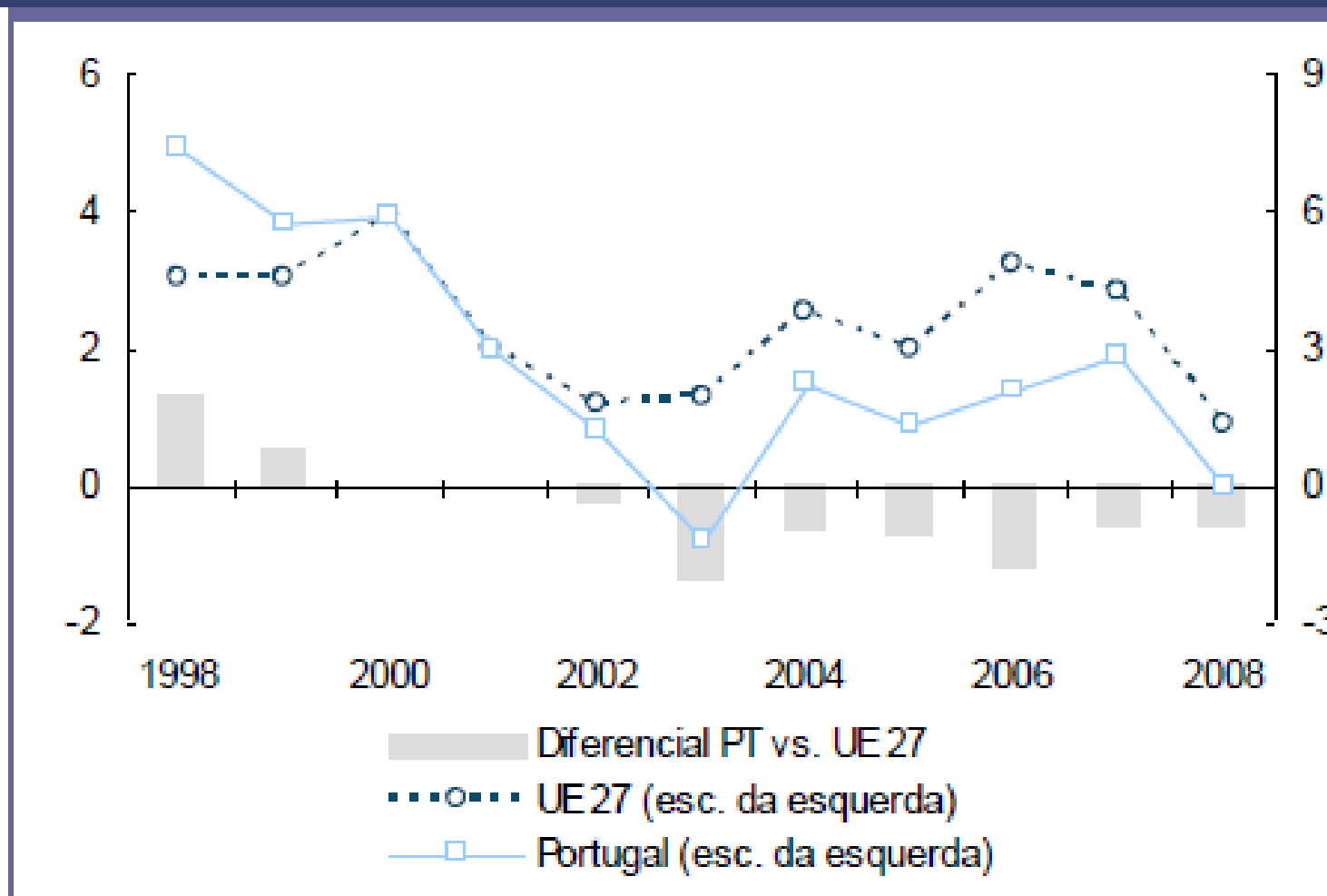
Lição n.º 70

01/04/2011

Sumário:

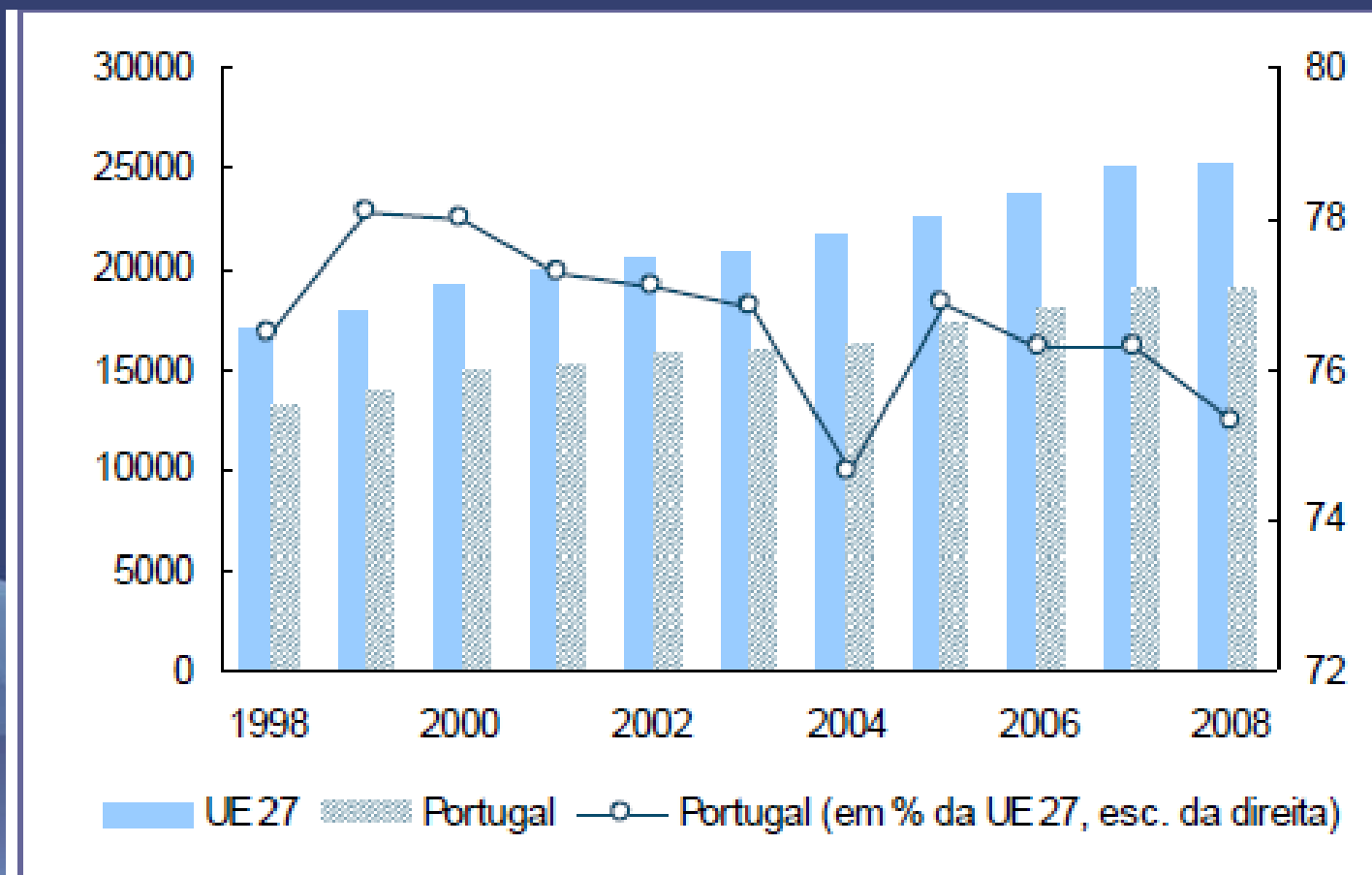
**As Desigualdades na repartição dos rendimentos
em Portugal e na União Europeia**

PIB DA UE VS PORTUGAL



Fonte: Eurostat e INE.

PIB PER CAPITA, PORTUGAL VS UE - 27



Fonte: Eurostat

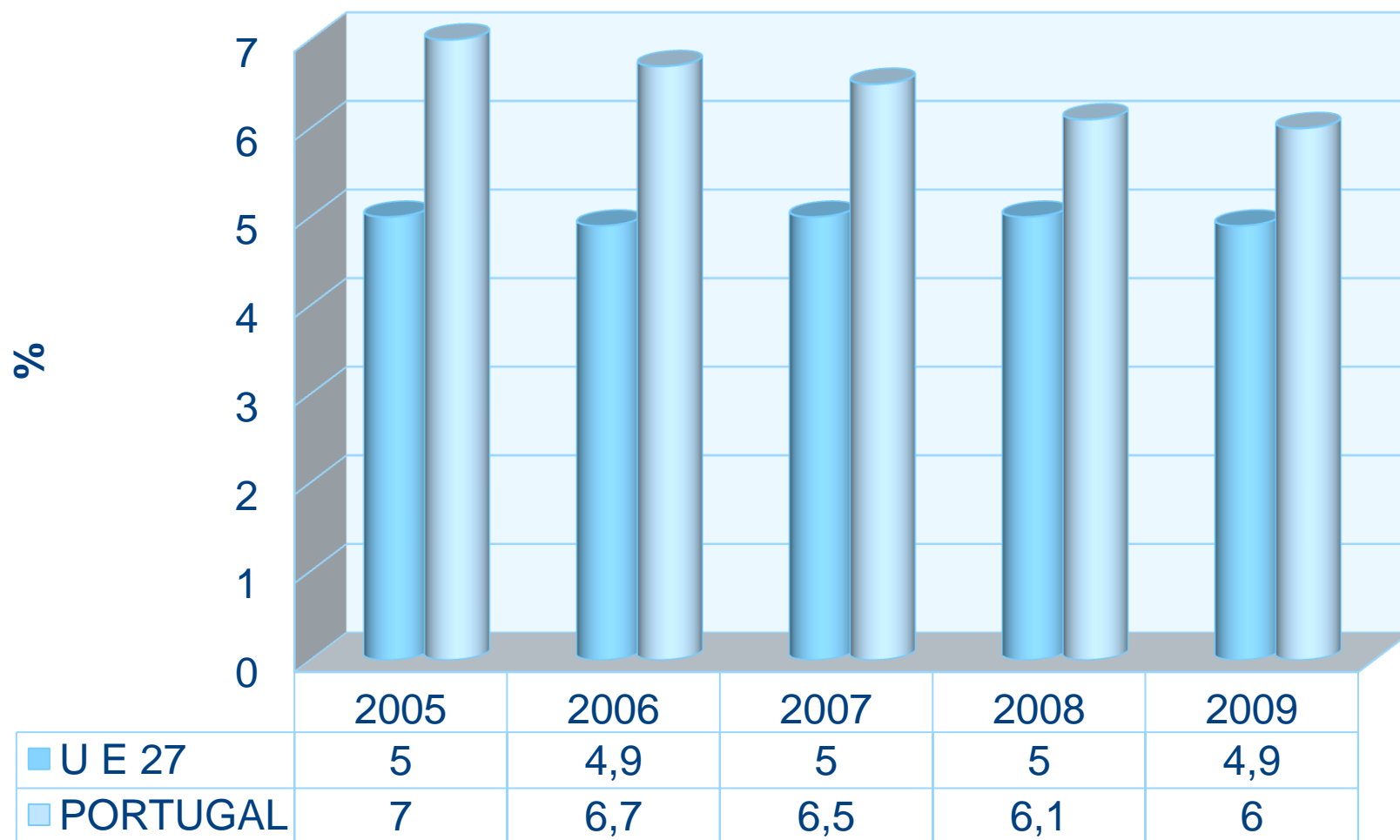
TAXA DE RISCO DE POBREZA

GRÁFICO DA TAXA DE RISCO DE POBREZA

Fonte: Eurostat, *Structural Indicators*

Segundo os dados mais recentes da Eurostat, esta taxa de risco de pobreza (após as transferências sociais) estima-se para a União Europeia (EU 25), de cerca de 16% (2006). Este valor médio esconde variações consideráveis nos Estados Membros das quais se destaca o caso da Holanda (10%) e da República Checa (10%) por comparação com os 23% da Letónia e os 21% da Grécia. Portugal situa-se nos 18%.

DESIGUALDADE NA DISTRIBUIÇÃO DO RENDIMENTO



Fonte de Dados: Eurostat / Entidades Nacionais - Painel Europeu dos Agregados Familiares (PEAF); Estatísticas Europeias sobre Rendimentos e Condições de Vida (EU-SILC)

Fonte: PORDATA

Agrupamento de Escolas Josefa de Óbidos

Disciplina: Economia A

Ficha Formativa

Unidade 6 – Rendimentos e repartição dos rendimentos

Ano: 10º Turma: B

1. Relacione a Actividade Produtiva com a formação dos Rendimentos.
2. Apresente a noção de repartição funcional dos rendimentos.
3. Indique os factores de produção.
4. Distinga rendimentos primários ou directos de rendimentos secundários.
 - 4.1 Indique um exemplo de cada.
5. Identifique os destinatários dos rendimentos primários.
6. Defina Salário.
7. Distinga salário directo de salário indirecto.
 - 7.1 Dê um exemplo de cada.
8. Distinga salário bruto ou ilícido de salário líquido.
9. Explique a função do salário mínimo nacional.
10. Caracterize as formas de remuneração do capital;
11. Distinga operações passivas de operações activas.
12. Considere os seguintes dados e calcule os juros:
 - 12.1 O Sr. Rui pediu um empréstimo de 10.000 euros ao Banco XP por 4 anos a 8% ao ano.
 - 12.2 A D.^a Ana fez um depósito de 5000 euros no Banco XP a prazo por 5 anos a 3% ao ano.
 - 12.3 Calcule a margem de intermediação financeira do Banco XP.
13. Explique a noção de repartição pessoal do rendimento.
14. Considere os seguintes dados: A família A tem como fontes de rendimento anuais 9000 euros de salários e 10.000 euros de rendas; a família B 20.000 euros de salários e 5000 euros de lucros; e a família C 30.000 euros de lucros e 2000 de juros.
 - 14.1 Em termos monetários, calcule a repartição funcional do rendimento e a repartição pessoal do rendimento.
 - 14.2 Calcule, em termos percentuais, as partes que cabem ao rendimento funcional e a ao rendimento pessoal.
15. Identifique os factores das desigualdades de rendimento.
16. Distinga salário nominal de salário real.
17. Explique em que consiste o leque salarial.
 - 17.1 Considerando que na empresa X o salário mais baixo é de 500 euros e o mais alto é de 2000 euros, calcule o leque salarial.
18. Identifique dois factores que justificam a disparidade salarial.
19. Dê a noção de rendimento *per capita*.
 - 19.1 Considerando que o país A tem 25 000 000 habitantes e de rendimento nacional 310 000 000 000 euros, calcule o rendimento *per capita*.
20. Apresente uma das limitações do indicador do rendimento *per capita*.
21. Identifique um indicador a que se recorre para ultrapassar algumas das limitações do rendimento *per capita*.
22. O **Índice de Desenvolvimento Humano (IDH)** é uma medida comparativa usada para classificar os países pelo seu grau de "desenvolvimento humano". O indicador é composto a partir de dados de expectativa de vida ao nascer, educação e PIB (PPC) *per capita* (como um indicador do padrão de vida) recolhidos a nível nacional.

22.1 Interprete o Índice de Desenvolvimento Humano para os países A e B

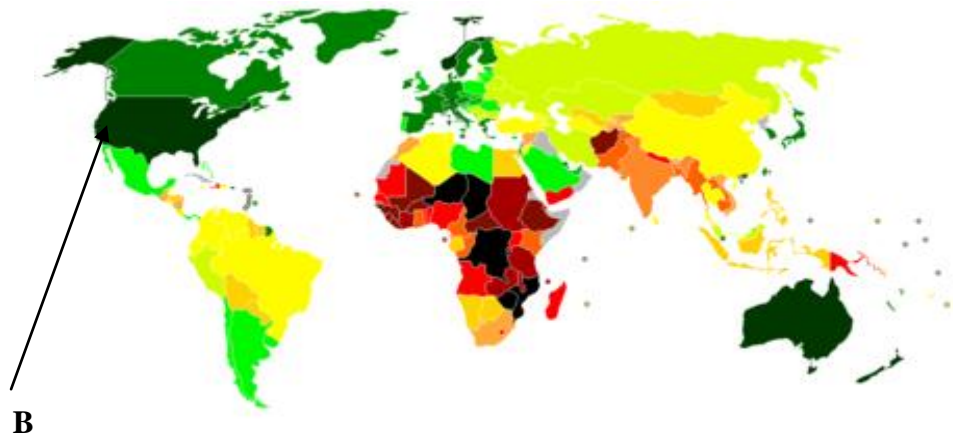
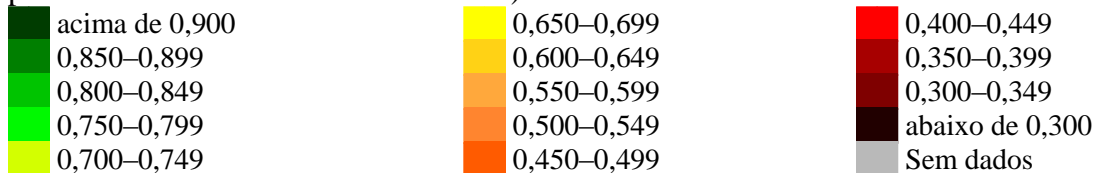


Figura 1: Mapa-mundo indicando o Índice de Desenvolvimento Humano (baseado em dados de 2010, publicados em 4 de Novembro de 2010)



23. Considere a **curva de Lorenz** abaixo:

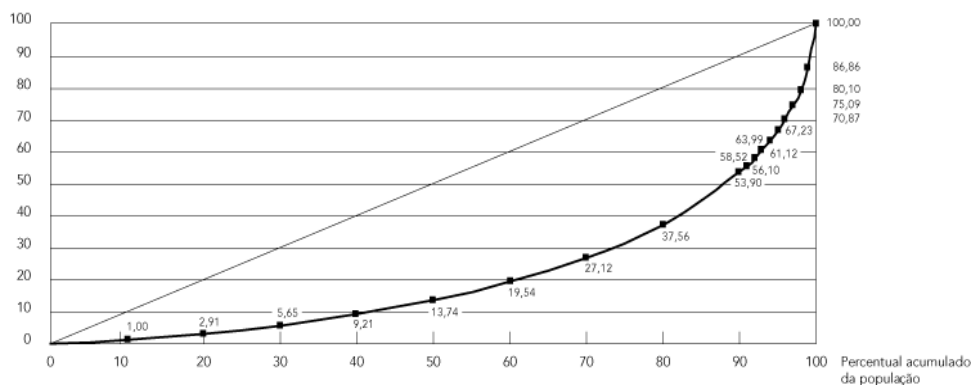
23.1 Indique aproximadamente a percentagem do rendimento que cabe aos 10% da população mais rica do Brasil.

23.2 Indique a percentagem do rendimento que cabe aos 60% da população mais pobre.

23.3 Que conclusões pode retirar relativamente ao grau de concentração dos rendimentos no Brasil na data considerada?

Figura 2

Distribuição de renda familiar per capita segundo a Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF/IBGE 2002-2003). Brasil, 2002.



Fonte: Pesquisa de Orçamentos Familiares (POF/IBGE 2002-2003).

24. Interprete o **Índice de Gini** para os Países A e B.

A

B

25. Explique em que consiste a Redistribuição dos Rendimentos.
- 25.1. Explícite a sua finalidade
26. Indique os três tipos de receitas do Estado que conhece.
- 26.1. Caracterize-as.
27. Distinga impostos directos de impostos indirectos.
28. Dê dois exemplos de impostos directos e dois de impostos indirectos.
29. Relacione as políticas sociais do Estado com as políticas fiscais.
30. “Os impostos assumem uma importância assinalável na redistribuição dos rendimentos, através da aplicação de taxas progressivas.”
- 30.1. Explique a afirmação acima.
31. Apresente, com base no quadro seguinte, a evolução do Rendimento Disponível, em Portugal, entre 2005 e 2009.

RENDIMENTO DISPONÍVEL DOS PARTICULARES EM PORTUGAL

(TAXAS DE VARIAÇÃO NOMINAL, EM %)

	2005	2006	2007	2008	2009
Rendimento disponível dos particulares	3,6	3,8	2,7	4,8	0,0
Remuneração do trabalho	4.9	3.2	3.2	4.1	2.5
Rendimentos de empresa e propriedade	3.7	2.9	2.6	5.3	-6.8
Transferências correntes:	4.5	6.9	6.0	4.8	4.0
Transferências internas	6.0	6.1	5.5	5.0	6.1
Transferências externas	-11.7	16.9	12.2	2.1	-20.6
Impostos directos (-)	4.9	6.7	9.6	3.7	-0.3
Contribuições sociais (-)	8.6	3.6	6.4	3.8	3.9

Fonte: Banco de Portugal, Relatório Anual de 2010.

- 31.1 Indique as componentes do Rendimento Disponível que mais contribuíram para a variação registada em 2009.
- 31.2 Dê a noção De Rendimento Disponível dos Particulares.
32. Indique com base nos gráficos abaixo:
- 32.1. O agregado familiar mais atingido pela pobreza.
- 32.2. A região do país com maior índice de pobreza.

ÍNDICES DE POBREZA SEGUNDO O RENDIMENTO E A TIPOLOGIA DO AGREGADO DOMÉSTICO PRIVADO, PORTUGAL, 2000

ÍNDICES DE POBREZA, SEGUNDO O RENDIMENTO, NUTS II, 2000

- 32.3 Os gráficos mostram que na pobreza se verificam desigualdades? Justifique a resposta utilizando os valores fornecidos.